

O GLOBO
SPORTIVO
ANO XI · Nº 594

MANTEM-SE O CORINTIANS na liderança do "Rio-São Paulo"



Caxambú saiu do arco e de munhecaço evitou a cabeçada de Baltazar



Baltazar salta com Pedro e cabeceia violentamente para o arco

S. PAULO, fevereiro — (De P. Frank, especial para O GLOBO SPORTIVO) — A Portuguesa de Desportos viu-lhe fugir a última chance de vencer o torneio interclubes ao ser derrotada pelo Corintians na tarde de sábado. Ambas as equipes atuando com grande entusiasmo, desprezando qualquer padrão técnico que, aliás, era impossivel exibir em virtude do estado do gramado, proporcionaram aos torcedores que acorreram ao Estadio Municipal uma das melhores partidas do "Rio-São Paulo". Peleja disputada de igual para igual, do porcionaram aos torcedores que acorre-leja disputada de igual para igual, do primeiro ao último minuto, foi rica em movimentação e emotividade, prendendo e arrebatando a torcida em todo o seu transcorrer. Lusos e corintianos deram tudo para laurear-se vencedor, sem medir sacrificios ou poupar energias. Luta de gigantes, justo reflexo da posição dos dois quadros na tabela de classificação do certame interestadual, que terminou com a vitoria do Corintians, melhor coordenado e com sua linha de avantes levando nitida vantagem sobre a retaguarda adversaria. Nos primeiros vinte minutos de jogo o Corintians desenhou a vitoria, mercê da destacada atuação de seu quinteto avançado e do desempenho sempre completo do centro-medio Touguinha, a melhor figura do gramado. Nesse periodo da luta coube à Portuguesa resistir de qualquer maneira, sem outra preocupação que a de afastar para longe de sua area as cargas do adversario, procurando alimentar seu ataque, sem lograr êxito no entanto, em face da firmeza da retaguarda alvinegra. Sòmente depois de estar inferiorizada no placard por dois tentos a zero lançou-se a equipe lusa ao ataque, com mais coordenação, provocando mementos de pânico em frente à meta de Bino, e assinalando o seu primeiro tento. Na fase final, igualou o marcador e quando se esperava um declinio do Corintians, seus jogadores lançaram-se à luta com grande vigor e voltaram a marcar. Não se entregou a Portuguesa diante do feito corintiano, e, queimando seus últimos cartuchos, venceram mais uma vez a vigilancia de Bino, estabelecendo novo empate. Dai em diante a peleja assumiu proporções giganteseas, lutando os contendores por obter a liderança no marcador. Finalmente, o Corintians, por intermedio de Baltazar em oportuna cabeçada, desempatou a peleja, elevando a contagem para cinco já nos instantes finais. Partida igual, ardorosamente disputada, e vencida pela equipe que teve mais senso de coordenação e cujos avantes melhor aproveitaram as oportunidades surgidas. Com essa vitoria o Corintians deu um passo quase decisivo para a conquista da taça JORNAL DOS SPORTS, pois basta-lhe um empate frente ao Botafogo, seu último adversario, para sagrar-se vencedor do Torneio.

OS MELHORES NAS DUAS EQUIPES

Na equipe corintiana destacou-se o trabalho do centro-medio Touguinha, elemento que vem melhorando de jogo a jogo e dando ao seu quadro mais firmeza na retaguarda e agressividade no ataque. Na partida contra a Portuguesa o pivot gaucho teve uma atuação perfeita, o que levou a equipe corintiana, sem dúvida, a ter mais presença no gramado. Baltazar, Claudio e Luizinho seguiram Touguinha de perto, centralizando as atenções dos torcedores. Os três avantes disputaram uma partida de gala, pondo em constante polvorosa a retaguarda lusa. Coube a Baltazar assinalar dois tentos magnificos, ambos de cabeça, e a Claudio um outro, de ótima feitura. Os demais, atuaram dentro das caracteristicas que vêm mantendo, jogando com grande senso de conjunto e empregando-se com o máximo de entusiasmo. Na Portuguesa brilharam Brandãozinho, Nininho e Pinga I, portando-se os demais com discreção.

MARCADORES

Para o Corintians marcaram; pela ordem, Baltazar, Noronha, Claudio, Baltazar e Claudio (Penal cometido por Santos em Baltazar).

Nininho (2) e Pinga I marcaram os tentos da Portuguesa.

Santos cobrou uma penalidade máxima contra o Corintians, mandando a pelota para fora.

QUADROS, JUIZ E RENDA

O Corintians atuou com a seguinte constituição: Bino; Nilton e Belfare; Idario, Touguinha e Helio; Claudio, Luizinho, Baltazar, Nelsinho (Edelcio) e Noronha.

A Portuguesa alinhou: Caxambú; Nino e Pedro; Santos, Brandãozinho e Zinho (Helio); Elisio, Renato (Pinga II), Nininho, Pinga I e Valter (Renato).

O árbitro da peleja, foi o Sr. Rowley, que se conduziu a contento.

A renda atingiu a 255.647,00, apesar do mau tempo reinante.

Mitigal
BAYER
acaba com as coceiras

Contra a CASPA
QUEDA DOS CABELOS
JUVENTUDE ALEXANDRE
BELEZA e VIGOR dos CABELOS
Não tem substituto
USE E NÃO MUDE

MARIO FILHO

O TORCEDOR DE RADIO

DA PRIMEIRA FILA

1 Escreve-me um "leitor assíduo" de Pôrto Novo, cidadezinha de Minas, achando muito interessante o "carinho" que eu dedico à personalidade do torcedor. E êle, que se assina A. H. de Oliveira, pede, entre outras coisas, que eu continue a bater-me pela concessão de uma carteirinha, dando livre ingresso em todos os campos a Alemão, a Guimarães, a Chechéu, a Baiano. "Eu — acrescenta o "leitor assiduo" — não falo movido por nenhum interesse. Aqui, em Pôrto Novo, eu não preciso de carteirinha. Tenho um rádio. E ai está: o senhor bem que podia falar sôbre os torcedores, como eu, os que vivem a não sei quantos quilômetros de S. Januário, da Gávea, de Alvaro Chaves e de General Severiano. De Pôrto Novo ao Rio há uma distância exata, segundo os cálculos de estrada de ferro, de cento e noventa e dois quilômetros. A gente vê o jôgo pela voz do "speaker".

—o—

2 Antigamente não havia o torcedor do rádio. Havia, porém, o torcedor dos recortes de jornais. Dos telegramas. O torcedor que tinha de contentar-se com o laconismo dos sinais de Morse. Ari Barroso foi assim. Êle ia cêdo, tôda segunda-feira, à estaçãozinha de Ubá, para saber se o Fluminense vencera. Porque antes de ser Flamengo, Arí Barroso foi Fluminense. E um Fluminense fanático, colecionador de fotografias, de crônicas, de escudos. Um dia um amigo rabiscou-lhe uma carta avisando que tinha visto uma fotografia de Marcos, uniformizado, sem a fitinha roxa. "Eu acho — esclarecia o missivista — que se trata de uma curiosidade histórica. Marcos de Mendonça chegou atrasado ao campo ou se esqueceu de enrolar, em volta da cintura, a fitinha roza. A explicação, aliás, pouco importa. O certo é que, por cinco mil réis, estou disposto a desfazer-me de tal preciosidade fotográfica". Arí Barroso não teve dúvida. Mandou, pela volta do corrêa, uma nota de cinco mil réis embrulhada em papel de sêda. E quando chegou a fotografia de jornal, de Marcos sem a fitinha roxa, êle a andou mostrando a todo mundo. Com um orgulho intimo. Profundo.

—o—

3 O torcedor do rádio é um produto da civilização. Do Progresso. Com P grande. Amador Santos, o primeiro "speaker" esportivo, andou preparando o caminho para Gagliano Neto e Ari Barroso. Eu sei, todos sabem o que é torcer pelo rádio. Quem não andou torcendo pelo rádio por ocasião do campeonato do mundo? Gente que nunca se preocupara com futebol descobriu, de um momento para outro, uma vocação irresistível de torcedor. Uma senhora — eu não preciso dizer o nome dela — me contou que, quando o Brasil enfrentou a Polônia, ela estava de cama, com febre e calefrios, embrulhada em cobertores. Uma semana depois o Brasil enfrentou a Tchecoslovaquia. Zezé Procopio sai de campo. Machado é expulso. Ela, já boa, não teve dúvida. Meteu-se na cama, embrulhou-se em cobertores. Para dar sorte.

—o—

4 Aquí, em Pôrto Novo — estou lendo a carta do "leitor assíduo" — também temos um Alemão, um Guimarães, um Chechéu. Mas de rádio, já se vê. Um dêles se chama Alcides e outro se chama Tampinha. Alcides torce pelo Fluminense e Tampinha pelo América. Ambos são humildes operários e trabalham nas oficinas da Leopoldina Railway. Tampinha, certa ocasião, morava a doze quilômetros da cidade. Eu ia dizer: a doze quilômetros do rádio, pois onde êle morava não havia nem luz. Foi num dia em que o Flamengo jogava com o América. O América não podia aspirar ao titulo. A partida, porém, despertava interêsse aquí. Se o Flamengo perdesse, a tabela sofreria uma modificação séria. Amanheceu chovendo. Uma chuva de cidade do interior. Cheia de lama. Eu vi Tampinha chegar molhado até à alma. Todo enlameado. E o vi, também, ficaar ao lado do rádio, sem pensar em mais nada, a não ser em futebol e no América".

—o—

5 "O Alcides — ainda continua a carta do "leitor assiduo" A. H. de Oliveira — é mais torcedor do que o Tampinha. Êle junta dinheiro, apertando o cinto, fazendo economia de tostão, para poder ir, uma ou duas vêzes por ano, ao Rio, assistir a jogos do Fluminense. Com uma antecedência de vários meses o Alcides fica consultando a tabela. Escolhendo uma partida com cuidado meticuloso. Dizendo: "esta não vale a pena". Êle sempre se resolve por um Fla-Flu. E quando toma o trem o último olhar dêle é para o Tampinha, que não deixa de ir à estação, cheio de inveja, remoendo-se por dentro, porque não teve fôrça de vontade bastante para juntar dinheiro".

—o—

6 A carta que eu recebi conta outra do Alcides: "A senhora do Alcides estava para ter criança. Uns três mêses antes êle anunciou aos amigos que, "se fôsse homem, o menino receberia o nome de Batataes". Os entendidos daquí cairam em cima do Alcides. Batataes era um apelido. O nome de Batataes sendo Algisto. "Eu sei que Batataes se chama Algisto — disse o Alcides, com a cara mais grave dêste mundo — Mas Algisto não é nome de jogador de rutebol". Então os amigos de Alcides vieram com a historia de que "talvez" a criança não fosse menino, e sim menina. Até agora a senhora do Alcides só teve meninas. "Pois menino ou menina — o Alcides acalorou-se — menino ou menina "êle" se chamará Batataes. E eu "o" levarei ao Rio, aproveitando as vésperas de um Fla-Flu, naturalmente, para que Batataes seja o padrinho". De uma cajadada só êle mataria dois coelhos: assistiria ao Fla-Flu e batizaria o filho".

—o—

7 A carta fala, também, em torcedores de rádio superticiosos. Eu contei o caso daquela senhora que, tendo o Brasil vencido o jôgo com a Polonia com ela debaixo dos cobertores, se sentiu na obrigação de meter-se debaixo dos cobertores quando as coisas ficaram pretas durante o encontro Brasil e Tchecoslovaquia. O "leitor assíduo" refere-se a torcedores que, tendo rádio em casa, acham que o rádio do vizinho é o que dá sorte. Em dia de jôgo êles vão fazer visita, chegando logo depois do almoço, para que não se pense que a intenção foi outra. A de filar a comida, por exemplo. Aliás o vizinho conhece a verdade. E experimenta uma satisfação danada em possuir um rádio "porte-bonheur".

—o—

8 Donga, o autor do "Bambo de bambu", também é um torcedor de rádio. Êle, em dia de jôgo do Fluminense, fica mexendo com o "dial". Se o Fluminense está vencendo, tudo vai bem. Donga gruda o ouvido ao alto-falante. Querendo ouvir mais de perto para "ver" melhor. Quando o Fluminense está perdendo Donga fecha o rádio. Mas não se afasta do aparelho, que emudeceu. Êle, apenas, espera um pouco. E depois, de novo, liga o controle de volume, de vagar, com a paciência de um jogador do pôquer que "chora" uma carta pedida de meio. A voz aparece de novo. Clara. Tim passa para Carreiro. Carreiro para Tim. E com que ansiedade êle ouve o "speaker" anunciar o score! Donga fechara o rádio para dar tempo a que o Fluminense fizesse um goal. Um goal de varinha de condão. Que tivesse ido parar no placard sem ninguém saber como.

—o—

9 Heitor Luz, um benemérito do América, estava de cama, à morte. E manda um recado para Arí Barroso. Dizendo que, como êle soubera que nenhum "speaker" ia irradiar o jôgo América e Vasco — era em 39 — e como êle talvez nunca mais assistisse a uma partida de futebol, Arí Barroso lhe poderia fazer um grande favor. "Irradie o match América e Vasco. Para eu escutar". Arí Barroso atendeu ao apêlo. Foi para Campos Sales. E Heitor Luz ficou em casa, com o rádio ligado para a Cruzeiro do Sul, pois Arí Barroso ainda andava pela estação da Cinelândia. A voz de Arí Barroso anunciou a saida de Plácido de campo. E, de repente, grita: "Plácido volta! Com o braço enfai-

(Conclue na pag. 12)

Automobilismo

A ATRAÇÃO DA VELOCIDADE

Recordes insuperados desde 1920 – A maneira mais econômica de conhecer terras estranhas – As corridas e os acidentes.

Embora os psicólogos não o tenham definido ,existe sem dúvida um instinto fundamental que impele a certos jovens de um e de outro sexo a dedicar-se ao esporte do motociclismo. Para aqueles que não sentem atração ou entusiasmo para esta classe de esporte, a motocicleta parece um mecanismo diabólico, incômodo o mortífero. Mas para o aficionado, todos os demais meios de locomoção carecem de atrativo.

Como todos os que têm alguma predileção esportiva, os motociclistas entusiastas são amigos de organizar-se em clubes onde possam reunir-se e comparar notas e fazer planos para futuras competições. Nos Estados Unidos, o maior número de amantes do esporte de motociclismo se encontra talvez nos Estados do Oeste e no Meio-Oeste, onde o ciclismo é mais propicio e as estradas mais retas. Os membros desses clubes usam frequentemente uniformes, distintivos ou insignias, e não é raro viajarem em grupos de 20 a 30. Durante as ferias de verão, as excursões em motocicletas se estendem a outros Estados e através da imensidão e da beleza dos parques nacionais.

As viagens de um lado a outro do país são bastante comuns, e alguns dos mais intrépidos motociclistas se aventuraram às regiões do noroeste até Alasca, na direção do sul, através da fronteira mexicana, até alguns paises da América Central e ainda da América do Sul. Embora um turista que viaje de motocicleta possa cobrir mais de mil quilômetros num dia, uma jornada menos pesada e mais comum cobre somente uns 700 quilômetros. A maioria das motocicletas fabricadas nos Estados Unidos são capazes de levar dois passageiros e, podendo viajar mais de 25 quilômetros com um quarto de galão de gasolina, a motocicleta provê um meio muito econômico de transportes.

Há muitas modalidades de competições no esporte do motociclismo. As corridas têm lugar geralmente em pistas circulares que se usam nas ferias campestres para corridas de cavalos. As mais espetaculares são as corridas de obstáculo, as corridas de campo atravessado e as de costa acima. As corridas sobre pistas assoalhadas, que outrora foram muito populares, foram suspensas ultimamente por terem sido consideradas demasiado perigosas. Quase todas as corridas são realizadas sob o patrocinio da Associação Americana de Motociclistas. Num só ano a Associação autorizou até mil diferentes carreiras, nas quais participaram mais de 30.000 concorrentes. A Associação publica a sua propria revista com noticias de interesse para os socios e adeptos. As pistas de corrida mais famosas da nação se acham situadas nas firmes praias de Daytona Beach, Flórida, em Langhorne, Estado de Pensilvania, e em Springfield, Estado de Illinois. A mais importante prova anual que tem lugar em Daytona Beach é feita sobre uma pista de 200 milhas (320 quilômetros) e atrai ao local milhares de espectadores de todas as partes dos Estados Unidos.

Alguns dos mais destacados motociclistas estabeleceram records que datam desde 1920 e que por muitos anos não foram superados. Os mais antigos corredores, especialmente Ralph Hepburn e Johnny Seymour, foram homens dotados de extraordinaria pericia e que desprezavam o perigo. Hepburn correu sobre uma pista de terra de uma milha (1. 81 quilômetro) em 39 segundos e 35 centésimos de segundo — um record que só foi superado uma vez, sobre uma pista mais rápida e mais segura, e com uma máquina mais moderna. Seymour manejava as máquinas com o acelerador completamente aberto, reduzindo apenas ligeiramente a velocidade nas curvas. Oito dos records estabelecidos por ele entre 1920 e 1925 não foram ainda superados, embora dezenas de milhares de corredores, com máquinas modernas e correndo sobre pistas melhores, o tenham procurado.

Apesar do arrojo dos concorrentes às grandes provas, os acidentes não são mais numerosos que os que acontecem numa partida de football. Corredores experimentados são vistos depois de uma queda, motivada por uma derrapada enquanto correm a uma velocidade de 160 ou mais quilômetros a hora, se levantarem e saido da pista andando como se nada lhes houvesse acontecido. O fato de que se presencie muito poucos acidentes graves, se deve principalmente aos regulamentos e ao sistema de classificação dos concorrentes, estabelecidos pela Associação de Motociclistas. Os clubes concorrem para a segurança dos par-

(Conclue na pag. 15)

HISTÓRIA DO CAMPEONATO BRASILEIRO (V)

Tri-campeões, pela 2.ª vez, os cariocas no último certame disputado: - o de 46-47

De CARLOS ARÊAS

O TEAM DO VASCO, ENXERTADO DE MUNDINHO, GARANTIU A CLASSIFICAÇÃO DERROTANDO OS MINEIROS NOS DOIS JOGOS SEMI-FINAIS — E A REVELAÇÃO MANECO GARANTIU O TÍTULO MÁXIMO NA FINALÍSSIMA COM OS PAULISTAS — OS NÚMEROS GERAIS DO CERTAME ------



Luiz Borracha sai do arco para a de fesa, frustrando a investida de Claudio

Finalmente chegamos ao último dos campeonatos brasileiros disputados, o 19.º, que teve seu inicio em 1946, desenvolvendo-se neste mesmo ano até as semi-finais em dezembro. Nessa altura, devido à imperiosa necessidade em que ficou a Federação Metropolitana de prolongar a sua temporada devido ao empate entre o Fluminense, o Flamengo, o Botafogo e o America, o que tornou obrigatorio um super-campeonato que terminou com a vitoria dos tricolores, o Campeonato Brasileiro foi suspenso com o acordo dos paulistas, ficando a competição finalista para o mês de março de 1947. Um detalhe interessante, com relação à participação dos cariocas no último certame, foi o desdobramento da sua representação. Para os jogos semi-finais com os mineiros, devido à situação do campeonato carioca, a F.M.F. resolveu não convocar para o scratch os jogadores dos quatro grandes clubes que estavam habilitados para o titulo de campeão — e que acabaram empatando como frisamos acima — entregando ao team do Vasco, então quinto colocado do certame da cidade, a representação do football carioca. Apenas como o zagueiro Rafanelli era estrangeiro, não podendo assim integrar o scratch carioca, entrou em seu lugar Mundinho, do São Cristovão.

UMA VITORIA FACIL NO PRIMEIRO JOGO

O primeiro jogo dos cariocas no campeonato de 1946 teve lugar no campo do Botafogo no dia 1.º de dezembro, contra os mineiros. Marcaram então os cariocas uma vitoria facil, por 8x3. Na primeira fase o placard ficou em 3x2 apenas, goals de Isaias, Djalma, Ismael (Minas), Jair e Paulo (Minas). Na fase final, porem, os cariocas decidiram em poucos minutos a partida, elevando o placard para 7x2, com goals de Djalma, Jair e Chico (dois seguidos). Cecy marcou o terceiro tento dos mineiros e Lelé encerrou a contagem do match. Os teams formaram assim:

CARIOCAS — Barbosa; Augusto e Mundinho; Ely, Danilo e Jorge; Djalma, Lelé, Isaias, Jair e Chico.

MINEIROS — Kafunga; Pescoço e Canhoto; Mexicano, Calango e Silva; Lucas, Ismael, Cecy, Paulo e Nivio.

"DURO" O SEGUNDO JOGO

O segundo encontro foi disputado em campo neutro, em São Paulo, e decorreu bem diferente do primeiro. Os cariocas voltaram a vencer, não ha duvida, mas apenas por 2x1. O primeiro tempo terminou com a vantagem dos metropolitanos por 1x0, goal de Chico. Na segunda fase Jair aumentou para 2x0, mas Cecy acabou reduzindo a diferença para o final de 2x1.

O team carioca formou assim: Barbosa — Augusto e Mundinho — Ely, Danilo e Jorge — Djalma, Lelé, Dimas, Jair e Chico.

O quadro mineiro foi este: Mão de Onça — Pescoço e Bibi — Adelino, Didi e Silva — Lucas, Ismael, Cecy, Paulo e Nivio.

Com essas duas vitorias sobre os mineiros, os vascainos de 1946, com o enxerto de Mundinho, garantiram a classificação da Federação Metropolitana para a tradicional competição finalista com os paulistas.

OS PAULISTAS PRECISARAM DA PRORROGAÇÃO PARA ELIMINAREM OS GAUCHOS

Embora podendo apresentar desde logo os seus melhores jogadores, os paulistas acabaram vivendo um drama mais forte que os cariocas na semi-final com os gauchos. Assim é que a primeira peleja, disputada no Pacaembú foi tambem facil para os bandeirantes. Três a zero no primeiro tempo e cinco a zero ao final, com goals de Lima (2), Teixeirinha, Pinga e Nininho. Os teams foram estes:

PAULISTAS — Gijo; Piolim e Sapoleo; Ruy, Bauer e Noronha; Claudio, Lima, Nininho, Pinga e Teixeirinha.

GAUCHOS — Julio; Joni e Nena; Laert, Touguinha e Abigail; Tesourinha, Cabano, Adãozinho, Saladura e Carlitos.

No segundo jogo, porem, aqui no Rio, no estadio de São Januario, a coisa mudou muito. Chovia intensamente no dia do jogo (8 de dezembro de 1946) e os gauchos começaram mandando no jogo de forma a marcarem logo a vantagem de 3x0, com goals de Adãozinho, Tesourinha e Hugo. Reduziram os paulistas a diferença com dois goals de Claudio e Pinga e o primeiro tempo terminou com o score de 3x2 para os gauchos. Na segunda etapa Hugo fez 4x2 para os gauchos, e Noronha e Pinga empataram para os paulistas. Mas Adãozinho marcou o 5.º goal dos sulinos e o tempo regulamentar terminou com a vitoria dos gau-



Oberdan defende num salto espetacular assediado por Maneco (a revelação da finalissima de março de 47) e Chico

OS PLACARDS DO CERTAME

chos por 5x4. Veio a prorrogação para a decisão do encontro e então Teixeirinha marcou o tento final dos paulistas, que garantiu-lhes a classificação para as finais de março com os cariocas. Os teams formaram assim nesse prelio:

PAULISTAS — Gijo; Piolim e Sapoleo; Ruy, Bauer e Noronha; Claudio, Lima, Ninlnho, Pinga e Teixeirinha.

GAUCHOS — Julio; Nena e Joni; Laerte, Touguinha e Abigail; Luizinho, Tesourinha, Adãozinho, Hugo e Margarida.

VENCEDORES OS PAULISTAS NA PRIMEIRA PARTIDA FINALISTA

Suspenso o certame durante os meses de janeiro e fevereiro de 1947, a competição finalista entre paulistas e cariocas teve a sua primeira partida da "melhor de três" tradicional, disputada no dia 8 de março, no Pacaembú. Os paulistas levaram então a melhor pela ampla contagem de 5x2. Goals de Servilio, Heleno, Servilio, Norival (contra), Claudio, Ademir e Servilio. João Etzel foi o juiz e os teams formaram assim:

PAULISTAS — Oberdan; Caieira e Domingos; Ruy, Bauer e Noronha; Claudio, Lima, Servilio, Remo e Teixeirinha.

CARIOCAS — Luiz; Norival e Augusto; Biguá, Danilo e Jaime; Pedro Amorim, Ademir, Heleno, Orlando e Rodrigues.

TRES A DOIS PARA OS CARIOCAS NA SEGUNDA PARTIDA — A REVELAÇÃO MANECO

Quatro dias depois, no dia 12, voltaram a medir forças os dois grandes rivais e desta vez aqui no Rio, em São Januario. Os paulistas apresentaram o mesmo team que havia vencido no Pacaembú, ou seja: Oberdan — Caieira e Domingos — Ruy, Bauer e Noronha — Claudio, Lima, Servilio, Remo e Teixeirinha. E os cariocas surgiram alterados, com a substituição de Norival, Biguá, Jaime, Orlando e Rodrigues. O quadro formou assim: Luiz — Augusto e Haroldo — Ely, Danilo e Jorge — Amorim, Maneco, Heleno, Ademir e Chico. Mario Vianna foi o juiz e o primeiro tempo terminou igual em 2x2. Ademir abriu o score. Teixeirinha igualou e Lima marcou o segundo dos paulistas. Mas o novo empate não demorou em um goal de Maneco, o endiabrado meia do América, que se destacou sensacionalmente nessa peleja. No inicio do segundo tempo Oberdan defendeu sensacionalmente um penalty de Noronha em Amorim, que foi cobrado por Heleno. Mas coube ainda a Maneco marcar o terceiro tento dos cariocas, que seria o da vitoria por 3x2.

TRI-CAMPEÕES OS CARIOCAS — QUATRO A UM NA PELEJA FINALÍSSIMA

No dia 16 de março, novamente em São Januario, indicado por sorteio, os cariocas voltaram a vencer e desta feita por um escore mais amplo: 4x1. João Etzel foi o dirigente da pugna, e os quadros formaram assim:

CARIOCAS — Luiz; Augusto e Haroldo; Ely, Danilo e Jorge; Pedro Amorim, Maneco, Heleno, Ademir e Chico.

PAULISTAS — Oberdan; Caieira e Domingos; Og Moreira, Ruy e Noronha; Claudio, Lima, Servilio, Remo é Teixeirinha.

Na primeira fase os cariocas marcaram a vantagem de 1x0, com um goal de Chico. No segundo periodo Servilio empatou em 1x1. Mas logo Maneco, em outro dia de atuação espetacular, marcou três tentos para os cariocas, construindo assim o placard final de 4x1, que deu aos cariocas o titulo de campeões de 1947. Assim sendo, os cariocas conquistaram nessa ocasião o seu segundo tri-campeonato brasileiro, repetindo o feito de 1938-1939-1940.



10) — Uma visão grandiosa de São Januario na finalíssima de 1947. Oberdan, Heleno, Maneco, Caieira, Og e Noronha, alem do juiz João Etzel, aparecem em ação, emoldurados pela multião compacta que vibrou com o espetacular 4 a 1 dos cariocas inalescas.

OS PLACARDS DO CERTAME

Foram estes os placards gerais do Campeonato Brasileiro de 1946-1947:

Amazonas x Guaporé — 1.º jogo: Amazonas, 5x0; 2.º jogo: Amazonas, 9x0.

Maranhão x Piauí — 1.º jogo: Maranhão, 4x2; 2.º jogo: Maranhão, 5x1.

Rio Grande do Norte x Paraiba — 1º jogo: Paraiba, 3x1; 2.º jogo: Rio Grande do Norte, 6x0. Prorrogação: Rio Grande do Norte, 1x0.

Alagoas x Sergipe — 1.º jogo: Sergipe, 1x0; 2.º jogo: Alagoas, 1x0. Prorrogação: Alagoas, 1x0.

Espirito Santo x Estado do Rio — 1.º jogo: Estado do Rio, 2 x 0; 2..º jogo: Espirito Santo, 2x1. Prorrogação: Espirito Santo, 1x0.

Paraná x Santa Catarina — 1.º jogo: Empate, 2x2; 2..º jogo: Paraná W.O.

Mato Grosso x Goiaz — 1.º jogo: Mato Grosso, 3x0; 2.º jogo: Empate, 1x1.

Pará x Amazonas — 1. jogo: Pará, 3x0; 2.º jogo: Amazonas, 2x1. Prorrogação: Pará, 2x1.

Maranhão x Ceará — 1.º jogo: Maranhão, 4x3; 2.º jogo: Ceará, 3x1. Prorrogação: Maranhão, 1x0.

Pernambuco x Rio Grande do Norte — 1.º jogo: Pernambuco, 5x1; 2.º jogo: Pernambuco, 6x3.

Baia x Alagoas — 1.º jogo: Baia, 5x2; 2.º jogo: Baia, 1x0.

Rio Grande do Sul x Paraná — 1.º jogo: Paraná, 4x2; 2.º jogo: Rio Grande do Sul, 5x0. Prorrogação: Rio Grande do Sul, 3x2.

Minas Gerais x Mato Grosso — 1.º jogo: Minas, 10x1; 2.º jogo: Minas, 6x0.

Maranhão x Pará — 1.º jogo: Maranhão, 2x0; 2.º jogo: Pará, 2x1. Prorrogação: Maranhão, 1x0.

Baia x Pernambuco — 1.º jogo: Pernambuco, 2x1; 2.º jogo: Baía, 2x1. Prorrogação: Baía, 1x0.

Minas x Espirito Santo — 1.º jogo: Minas, 4x2; 2.º jogo: Espirito Santo, 2x1. Prorrogação: Minas, 1x0.

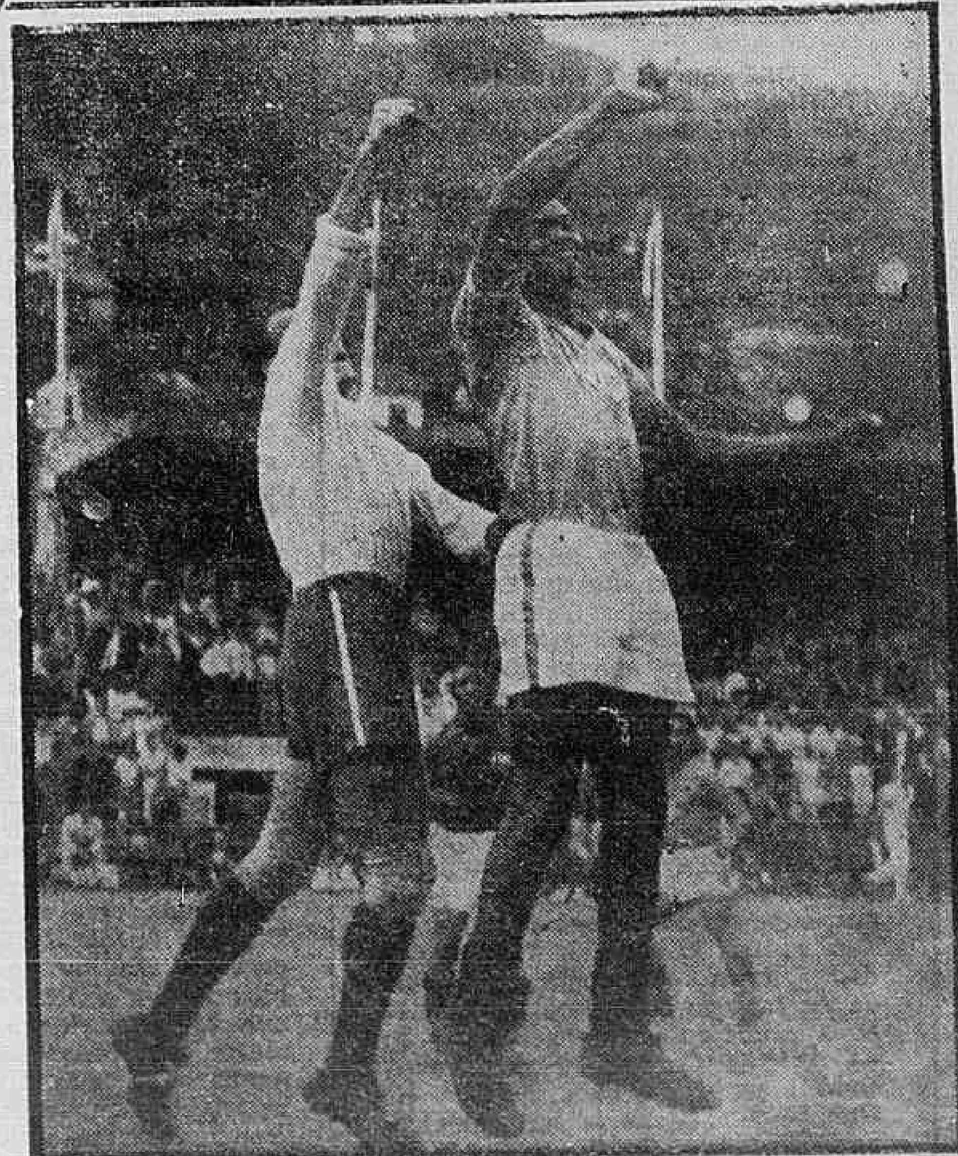
Rio Grande do Sul x Baia — 1.º jogo: Rio Grande do Sul, 2x0; 2.º jogo: Rio Grande do Sul, 4x0.

Minas x Maranhão — 1.º. jogo: Minas, 6x4; 2.º jogo: Maranhão, 7x3. Prorrogação: Mina. 3x0.

(Conclue na pag. dupla)



A seleção carioca campeã de 1946. De pé estão Johnson (massagista), Luiz, Ely, Augusto, Jorge, Danilo e Haroldo. Abaixados: Pedro Amorim, Maneco, Heleno, Ademir, Chico e Mario Américo (massagista)



Kafunga, o "keeper" mineiro ,afasta de soco a bola, numa entrada do falecido Isaias, comandante do scratch carioca

BILHETES DO LEITOR

CARLOS ARÊAS



GERNHARDT — o homem dos "sete instrumentos" do Rapid, de Viena — num desenho do leitor Euripedes Carlos da Silva, de beraba, Minas.

FREITAS CABRAL — ESTAÇÃO DE MAGALHÃES BASTOS — RIO — 1) — Dos cracks italianos do Torino que atuaram em São Paulo não escapou nenhum no trágico desastre de Superga. — 2) — O quadro do River na sua temporada de dezembro de 1946 em São Paulo foi êste: Soriano — Vaghi e Rodriguez (Kelly) — Yacono — Ongaro e Ferrari (Ramos) — Munoz — Moreno (Baez) — Di Stefano (Martinez e Pederneiras) — Labruna (Coll) e Lostou. — 3) — O do Boca na sua temporada de janeiro de 1947, também em São Paulo, foi êste: Vacca — Marante e De Sorzi (Perccinio) — Sosa (Vilanova) — Lazzati e Pescia — Boyé (Olivero) — Corcuera — Sarlanga — Vasquez (Lorenzo e Ferrari) e Pin. — 4) — Os jogos do Aguada, campeão uruguaio de basquete, nesta capital, em março de 1949, ofereceram êstes placardes: 1º — Aguada 51 x Tijuca 48; 2º — Aguada 30 x Atlética Grajau 24; e 3º — Flamengo 50 x Aguada 37. — 5) — Infelizmente não podemos auxiliá-lo ...as fotografias.

—o—

JOSÉ EURICO RUSCHI — VITÓRIA — ESP. SANTO — 1) — Não houve êsse casamento a que o senhor se referiu. — 2) — O Botafogo nos jogos com o Fluminense tem 24 vitórias contra 37 dos tricolores e 24 empates. Nos jogos com o Vasco o Botafogo tem 12 vitórias contra 22 dos cruzmaltinos e 19 empates. Nos jogos com o Flamengo o Botafogo tem 27 vitórias contra 29 dos rubro-negros e 17 empates.

—o—

AOS LEITORES EM GERAL — O leitor Ailton Pinto Alves tem para vender a quem interessar uma coleção encadernada de O GLOBO SPORTIVO (em cinco volumes) desde o número um até o primeiro de janeiro dêste ano de 1950. O endereço é rua dos Pinheiros, 116 — apartamento 5, São Paulo — Capital ou, a partir do dia 12 de fevereiro: rua Moros, 852 — Alto de Pinheiros — São Paulo — Capital.

EDUARDO DE SOUZA — UBERLÂNDIA — MINAS — 1) — Job Rodrigues de Souza é o nome por extenso do zagueiro flamengo. Tem apenas 22 anos. — 2) — Oberdan Cattani, o arqueiro que vem de reaparecer no Palmeiras tem 30 anos e nasceu em Sorocaba. — 3) — Antônio Cordeiro é pernambucano e Arí Barroso, mineiro de Ubá. — 4) — Jogadores mineiros em São Paulo, são: Remo e Mauro, no São Paulo F. C.; Nilton, no Corintians; Mexicano e Abelardo, no Palmeiras. No Rio o número é maior, pois, temos Bigode, no Flamengo; Geninho, Juvenal, Gerson, Baiana e Braguinha, no Botafogo; Dimas, no América; Luís Borracha, Pinguela e Ismael, no Bangu; Heleno, no Vasco, etc. — 5) — Rejeitado o seu desenho do falecido treinador do São Paulo, Joreca.

—o—

PAULO HENRIQUE CAVALCANTI — TIJUCA — RIO — 1) — O arqueiro Robertinho que foi do Fluminense está no Santos; Simões está no Bangu; Leônidas no São Paulo; e Batatais abandonou o futebol por enfermidade. — 2) — ...o tem 30 vitórias, o Flu...se 28 e registaram-se 30 empates, nos Fla-Flu de campeonatos desde 1912. — 3) — As idades pedidas são: Castilho 22 — Pindaro 24 — Carlyle 23 — Orlando 26 e Rodrigues 24. — 4) — Rejeitados os seus desenhos de Orlando e Bigode.



CASTILHO — o arqueiro do Fluminense — num desenho do leitor Julio Simas Pinto, desta capital.

—o—

JOE CAB — ESTAÇÃO MAGALHÃES BASTOS — RIO — 1) — Os nomes pedidos são: José Gonçalves da Silva (China) — Remo Januzi (Remo) — Savério Romano (Savério) — Elísio Santos Teixeira (Teixeirinha) — Rui Campos — Alfredo Eduardo Noronha — Pedro Simão — Mário José Murilo (Murilinho) — Alfredo Moura (Mexicano) — Geraldo dos Santos (Lêro) — Antônio Starling (Tonho) — José Furtado do Monte (Zé do Monte). — 2) — O torneio do Atlântico não foi mais disputado desde 1947 quando estiveram em Montevidéu, o Vasco e o Palmeiras. — 3) — Não senhor. Fora da "Roca" e da "Rio Branco" o Brasil não disputa competições regulares com outros países. Esteve em cogitações a taça "Presidente Vargas" com o Paraguai, mas não foi avante porque o "baixinho" foi deposto pouco depois dos primeiros entendimentos.

—o—

ALFREDO OTO — NITERÓI — ESTADO DO RIO — 1) — Deve ter acontecido com o seu desenho de Biguá o seguinte. Nós sempre procuramos facilitar aos leitores a publicação dos bonecos e daí o separarmos às vêzes desenhos que intimamente reconhecemos não estarem muito bons, mas apenas passáveis. Depois, porém, quando a fila dos "separados" cresce muito, nós fazemos uma revisão com maior rigor e aí os que não são considerados em condições "sobram". O seu Biguá deve ter sido rejeitado, depois da primeira aceitação, nêsse segundo exame. — 2) — Argemiro embora tivesse passe livre do Vasco não voltou mais jogar por nenhum clube oficial. Maracaí esteve por último no Santos F. C. e depois não mais soubemos dêle. Quanto a Alarcon e Coleta, também, depois que retornaram a Buenos Aires, não tivemos mais informações sôbre os mesmos. — 3) — As colocações do Canto do Rio nos campeonatos de profissionais da cidade têm sido estas: 1941 — 7º, junto com o América e à frente do São Cristóvão e do Bonsucesso; 1942 — 8º, à frente do Bangu e do Bonsucesso; 1943 — 9º, à frente apenas do Bonsucesso; 1944 — 6º, à frente do Madureira — Bangu — São Cristóvão e Bonsucesso; 1945 — 7º, à frente do Bangú, Bonsucesso e Madureira; 1946 — 7º, à frente do Bangu, Madureira e Bonsucesso; 1947 — 8º, à frente do Bangu, São Cristóvão e Bonsucesso; 1948 — 7º, à frente do Bonsucesso, Olaria e Madureira; e, 1949 — 11º, (lanterna). — 4) — Rejeitado o seu desenho de Juvenal, mas o de Jair ficou na fila para publicação oportunamente.

—o—

ALFREDO LUNKMOSS UET — CURITIBA — PARANÁ — 1) — O quadro brasileiro que venceu a Copa Rio Branco de 1932 formou assim: Vitor — Domingos e Itália — Agrícola — Martim e Ivan — Válter — Paulinho — Gradim — Leônidas e Jarbas. — 2) — O primeiro campeonato brasileiro oficial foi disputado em 1923, tendo como campeões os paulistas, com êste time: — Primo — Clodoaldo e Bartô — Sérgio — Amilcar e Artur — Neco — Heitor — Friedenreich — Tatu e Feitiço. — 3) — Não temos as relações completas como o senhor pede dos jogos do Vasco com todos os clubes do Rio e da Portuguesa de Desportos com todos os clubes de São Paulo. — 4) — Não dispomos de números atrasados.



HELENO — o center-forward vascaino — num desenho do leitor Reinaldo Mauricio Rocha, de Pirapora, Minas

—o—

DINIZ BONILAURI — CURITIBA — PARANÁ — As caricaturas de Leônidas e Lorico foram rejeitadas. O desenho de Chico Landi, porém, será aproveitado.

—o—

ELIZARDO LEUTPRECHT — JARAGUÁ DO SUL — SANTA CATARINA — 1) — Os endereços pedidos são êstes: Jabaquara, de Santos, rua general Câmara, 8; Boca Juniors (de Buenos Aires), almirante Brown 967; River Plate (de Buenos Aires) — Sulpacha 574.

HELVÉCIO A. FAUSTINI — VITÓRIA — ESP. SANTO — Rejeitados os seus desenhos de Jair — Barbosa — Biguá — Gringo — Ademir e Jaime. Aproveitados apenas os de Mirim e Orlando, do Fluminense, que ficaram na fila para publicação oportuna.

—o—

SÉRGIO DIAS — RIO DE JANEIRO — Rejeitados os seus desenhos do zagueiro Rafaneli, do Bangu, do ponteiro Paraguaio, do Botafogo e do veterano médio Filiola.

—o—

FLÁVIO VIERO — ERECHIM — R. G. SUL — Na fila para publicação o seu desenho do center Gringo, do Flamengo

—o—

JORGE WASHINGTON DE OLIVEIRA FILHO — VITÓRIA DA CONQUISTA — BAÍA — 1) — O Fluminense tem 25 vitórias contra 19 do Vasco e 9 empates, nos seus jogos oficiais de campeonato desde 1923, que foi quando o Vasco subiu à Primeira Divisão. — 2) — Os nomes dos jogadores atuais do Fluminense são: Carlos José CASTILHO — PÍNDARO Possidente Marconi — João Batista Carlos PINHEIRO — VALDIR Silva — EMILSON Pessanha — MÁRIO Faria — FLÁVIO Monteiro — Antônio Machado de Oliveira (PÉ DE VALSA) — Válter Goulart da Silveira (SANTO CRISTO) — Valdir Pereira (DIDI) — CARLYLE Guimarães Cardoso — ORLANDO Azevedo Viana — Francisco RODRIGUES — Amadeo Vegani (SILAS) — José Pereira da Silva (109). — 3) — O São Paulo foi campeão bandeirante nos anos de 1931 — 1943 — 1945 — 1946 — 1948 e agora em 1949. — 4) — Santos foi campeão apenas uma vez, em 1935.

—o—

RAMON DA SILVA — NITERÓI — E. DO RIO — O Vasco da Gama foi campeão da cidade nos anos de 1923 — 1924 — 1934 — 1936 — 1945 (invicto) — 1947 (invicto) e 1949 (invicto).

—o—

SÉRGIO DIAS — DISTRITO FEDERAL — 1) — Os "scores" do Brasil no campeonato Sul-Americano de 1919 foram êstes: Brasil 6 x Chile 0 — Blasil 3 x Argentina 1 — Brasil 2 x Uruguai 2 e Brasil 1 x Uruguai 0 (match desempate do titulo) — 2) — O "scratch" campeão foi êste: Marcos — Pindaro e Bianco — Sérgio — Amilcar e Fortes — Milon — Neco — Friedenreich — Heitor e Arnaldo.



ORLANDO — o meia esquerda tricolor — num desenho do leitor Dauro Bricio, de Vitoria, Espirito Santo

A HISTORIA DOS 400 METROS COM BARREIRAS

E', talvez, a prova dos 400 metros com barreira a que tem a historia mais curta nos anais do atletismo. Se bem que o primeiro "record" mundial data de 1900, em troca, só se praticava essa prova nas olimpiadas. Não chegou à popularidade com a rapidez das demais e muito lentamente os varios paises em que se praticava o atletismo a adotaram como uma das suas provas nos campeonatos internos ou internacionais. No que diz respeito ao "record" mundial, tem melhorado em muito, embora de tempo em tempo, e de 57"6 que foi a primeira marca conseguida por Tewskury, deu um extraordinário salto para 50"6, por intermedio de Glenn Harding em 1934.

No que toca à curva evolutiva dos resultados nas diferentes olimpiadas, podemos afirmar que também é um das curvas que apresentam mais quebras, o que deixa entrever a diferença que existiu entre os cultores dessa prova.

Quanto aos ganhadores, podemos observar que desde as Olimpiadas de Paris, em 1900, que foi a primeira vez que se disputou essa prova, até a de Berlim, em 1936, só em duas oportunidades os representantes dos Estados Unidos não foram os vencedores: em 1928, nas Olimpiadas de Amsterdam, e em 1932, nas Olimpiadas de Los Angeles, onde o irlandês S. Tiisdal correu a distancia com obstáculo no tempo de 51"8, que constitue desde então um novo "record" olimpico e que foi nesse ano um "record" mundial.

Os 400 metros com barreiras foram corridos pela primeira vez, com carater oficial, nas Olimpiadas de Paris em 1900, e ganhou-a o representante dos Estados Unidos J. W. Tewskbury, com o tempo de 57"6. Esta marca é a que devem considerar, tambem, como a primeira marca mundial. Sem maiores variantes, já pelos fatores antes expostos, não se melhorava o "record" do mundo, e chegamos às Olimpiadas de São Luiz, em 1904, e nela, como no caso anterior, triunfam os Estados Unidos, por intermedio de H. L. Hillman, com o tempo de 53", um novo "record" mundial e olimpico.

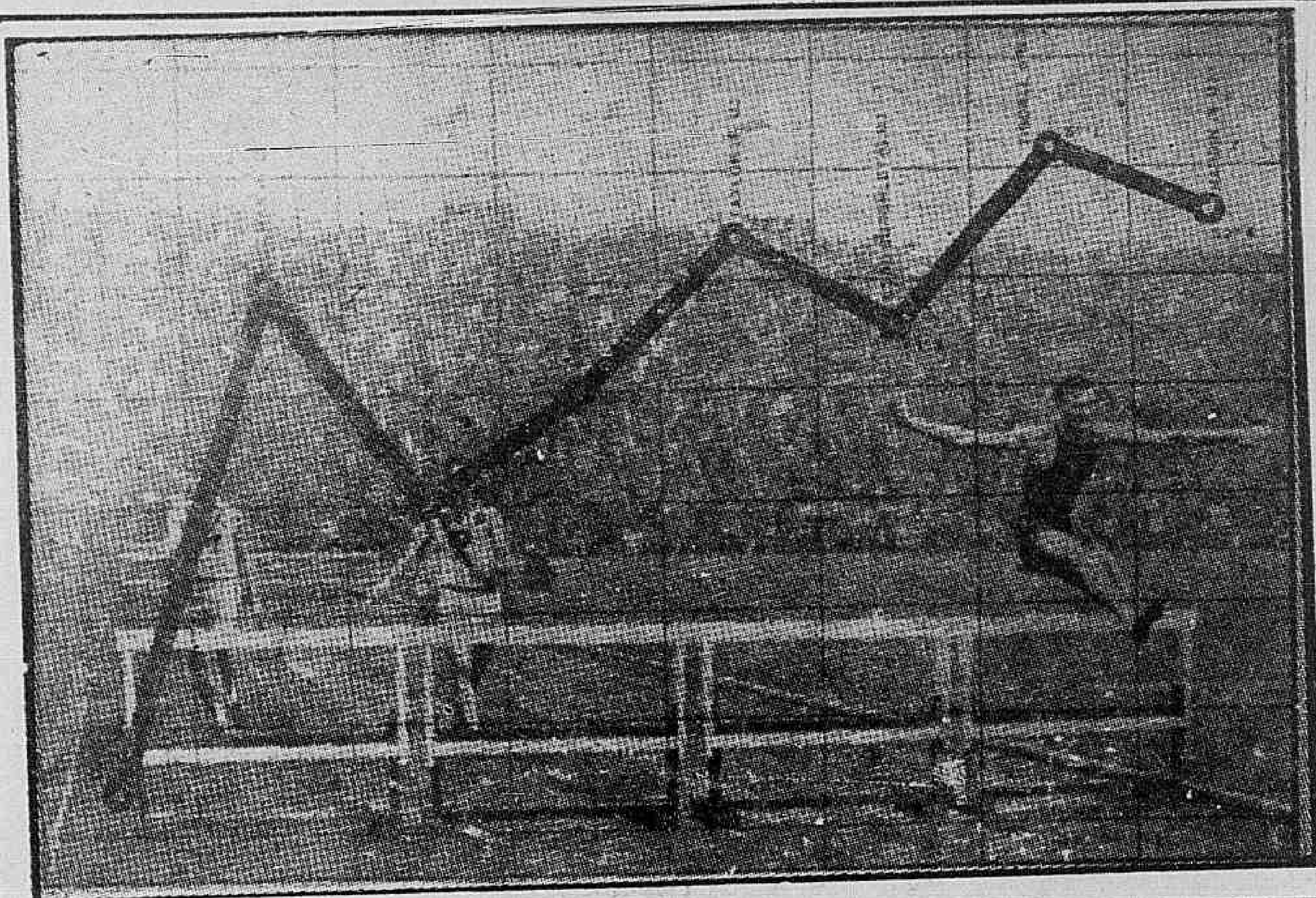
Em igual situação se chega aos Jogos Olimpicos de Londres, em 1908, e é C. J. Bacon, dos Estados Unidos, quem com o tempo de 55" obtém o titulo de campeão olimpico, mas sem conseguir melhorar a marca de Hillman, obtida em São Luiz em 1904. E chegamos aos jogos olimpicos de "Amberes", em 1920, e neles, como nos casos anteriores, triunfa novamente um norte-americano, F. F. Loomis, com o tempo de 54". Tampouco constituia este tempo uma nova marca mundial e olimpica.

Estamos em 1924. Este ano presenciaria uma nova olimpiada, e novamente em Paris. F. M. Taylor ganha com o tempo de 52"6 e ratifica mais uma vez a superioridade dos yankees nesta prova, como na maioria das provas atléticas. Esta marca era superior à estabelecida por Hillman, mas não podia valer como "record" olimpico nem mundial, por ter Taylor derrubado um dos obstáculos, e naquela época o regulamento exigia que as marcas fossem obtidas sem pôr por terra nenhum obstáculo, — diferente de agora, em que isso não teria maior importancia, porque o mesmo regulamento estabelece que a barreira oficial tem que ser uma que o derrubá-lo só prejudica ao proprio atleta, porque o seu peso, por exemplo, necessita de uma força que diminuiria a velocidade do corredor, coisa que afetaria a marca. Em 1927, os Estados Unidos considera entre suas provas dos campeonatos nacionais, a dos 400 metros com barreira. Isso resulta na melhora da marca máxima. Se até esse ano permanecia quase insuperavel a marca de H. L. Hillman, R. Giboson surgiria para superá-la com o tempo de 52"7. Entretanto, Taylor continuava se preparando, porque nada lhe havia agradado o fato de que o regulamento lhe houvesse impedido de ser em 1924 nos Jogos de Paris, o "recordman" olimpico e mundial, e nos primeiros meses de 1928, já preparando-se para as Olimpiadas de Amsterdam, corre a distancia no tempo de 52". Havia estabelecido dentro do regulamento um novo "record" para o mundo, mas chegadas as olimpiadas, por estar enfermo, não pode participar, e pela primeira vez triunfa um atleta que não não é norte-americano. Lord Burghley, da Inglaterra, ganhava com o tempo de 53"4, tempo aceitavel, mas que não representava um novo "record" olimpico nem mundial.

Chegamos a 1932 e são levados a efeito os jogos olimpicos de Los Angeles. Desde 1904, em que Hillman estabelecera um novo "record" olimpico com o tempo de 53", nas Olimpiadas de São Luiz, esta marca não fôra superada em nenhum outro desses torneios. Destaca-se então o representante da Irlanda, S. Tiisdal, que vence com o magnífico tempo de 51"8, marca que constituia uma nova marca mundial, além de olimpica. Perderam os americanos nesta nova oportunidade um "record" que há 28 anos vinham detendo.

Em 1934, os norte-americanos põem para correr os 400 metros o magnífico atleta dos 400 rasos, Gleen Harding, e este devolve à sua patria o título mundial, cobrindo os 400 metros com obstáculos no tempo de 50"8, para mais tarde, no mesmo ano, melhorá-lo em dois décimos mais, levando o "record" a 50"6, que é o atual "record" mundial.

Mas dois anos depois se efetuavam os últimos Jogos Olimpicos de Berlim, e como Harding continuava sendo o melhor desta prova, os norte-americano acreditaram chegado o momento de recuperar também o "record" olímpico, já que pensavam que seu representante não tinha praticamente competidores, e sendo um bom corredor de 400 metros rasos, e tendo demonstrado a sua capacidade ao bater o "record" mundial nesta prova, e melhorado-o depois, não podiam pensar outra coisa. Mas, se bem que conquistou o título de campeão olímpico, foi impossivel, em troca, superar a marca do irlandês.



A curva de evolução dos 400 metros com barreiras, vendo como tem melhorado a marca dos "records"

VENCEDORES DOS 400 MTS. COM BARREIRAS NAS DIFERENTES OLIMPIADAS

1900 — Paris — J. W. Tewskbury....	EE. UU............	57"6
1904 — San Luis — H. L. Hillman...	EE. UU..........	53"
1908 — Londres — C. J. Bacon......	EE. UU............	55"
1920 — Amberes — F. F. Loomis....	EE. UU............	54"
1924 — Paris — F. M. Taylor........	EE. UU............	52"6
1928 — Amsterdam — L. Burghley...	Grã - Bretanha......	53"4
1932 — Los Angeles — S. Tiisdal.....	Irlanda	51"8 (R. C
1936 — Berlim — G. Harding........	EE. UU............	52"4
1948 — Londres.....................	EE. UU	

TOSSE?
BENZOMEL
XAROPE - CALMANTE E EXPECTORANTE
UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SIMBOLO DE CONFIANÇA

REAÇÃO SENSACIONAL D



Outra defesa de Osvaldo, acossado pelo cruzmaltino Al varo, enquanto Lima e Marinho apenas assistem ao lance



Não esteve muito seguro o arqueiro O Fal no primeiro goal, criando depois var ções pânico. No flagrante acima, Rubinho conseg salvar



Manca foi a grande figura dos cruzmaltinos. Marcou um goal sensacional, após driblar quatro adversarios

O Torneio Rio-São Paulo atingiu em cheio as suas finalidades. Na parte das rendas, afora alguns jogos de menor expressão financeira, bons foram os resultados, inclusive a arrecadação superior a oitocentos mil cruzeiros do match Corintians x Vasco. Por outro lado, o rendimento técnico foi dos mais apreciaveis. Bom número de partidas de football de primeira foi dado ao público assistir.

Ainda domingo, Vasco e Botafogo realizaram uma partida a que o qualificativo de empolgante não será exagerado. O Botafogo, a despeito da má campanha inicial e consequente deslocação no certame, experimentou um progresso sensivel nos dois últimos compromissos. O Palmeiras, foi vencido insofismavelmente pelo alvinegro. E' bem verdade que frente aos vascainos, o Botafogo foi dominado em quase todo o segundo tempo, mas jogou muito na primeira parte do match. Alem disso, não se pode deixar de revelar a grande atuação dos cruzmaltinos que, até ao final, com dez homens, lançaram muito de seus recursos técnicos.

Mas a parte a atuação de uma ou outra equipe, em conjunto, a partida agradou durante os seus noventa minutos. O público vibrou com goals sensacionais, que custaram a definir a partida, as performances de Tesourinha e Chico, e para

...DO VASCO





...Falhou ...ções de ...nseguiu

Oswaldo salta com segurança, defendendo, enquanto Maneca tenta alguma coisa e Avila contem Ipojucan

...sr, decisões discutidas do árbitro, ...s das habituais exaltações.

...OMO PERDEU O BOTAFOGO

...emos referencia à reação que vem ...ando na equipe botafoguense De- ...as derrotas iniciais em que ficou ...vado o estado lastimavel do team. ...progresso foi conseguido. Já contra ..., o Botafogo foi um adversario di- ...ciando a partida com a defesa bas- ...esa, o alvi-negro fez um bom pri- ...tempo. Não se deixou impressionar ...al vascaíno de abertura, e em duas ...idades, firmou a sua vantagem no ...o tempo. Isto sem contar, pratica- ... com Paraguaio, que já entrou em ...ressentindo-se de uma contusão, lo- ...endo-se com dificuldade.

...iniciado o match, com a saida de ..., o handicap do Botafogo aumen- ...nsideravelmente. Entretanto, nada ...e seria lógico prever-se, foi positi- ...porque, diante da violenta reação ...altina, os cracks de General Severia- ...araram-se a fim de manter a vanta- ...o marcador. Dessa forma, não mais ...em controlar as ações, sofreram o ...e, por força do esforço defensivo, ...odo o team entrou a sofrer os resul- ...o preparo fisico deficiente. O Botafogo teve bons jogadores em Santos, Juvenal, Hamilton e Zezinho.

O GOAL DE MANECA DECIDIU SENSACIONALMENTE A LUTA

Nada menos de cinco goals foram assinalados no "clássico". Coube ao Vasco inaugurar a contagem, com o tento dos 15 minutos, de Ipojucan. Danilo adiantou um passe a Tesourinha, que centrou sobre a area. Lá estava Ipojucan que, saltando com Marinho, levou a melhor, cobrindo Oswaldo que saira imprudentemente do arco. O Botafogo empatou aos trinta minutos. Um centro alto de Juvenal não foi alcançado por Wilson, ficando a bola para Zezinho. O center botafoguense avançou, aplicou um dribling de corpo a Barbosa e colocou a bola nas redes com grande habilidade. Aos quarenta e um minutos nova oportunidade para o Botafogo. O bandeirinha Aristocilio Rocha, que já assinalara varios off-sides indevidamente, deixou de registar um real, de Hamilton; em consequencia, o ponteiro atingiu o arco, e desvencilhando-se de Alfredo e Barbosa conseguiu shootar, marcando o segundo goal. No periodo final, o Vasco empatou aos oito minutos. Um hands de Santos junto a area, foi cobrado por Ipojucan, em direção a Chico. O ponteiro shootou, Oswaldo defendeu a bola, largando, do que se aproveitou o crack cruzmaltino para novo shoot, desta feita positivo. Aos quinze minutos, Tesourinha mandou pelo alto um penalty de Rubinho em Ipojucan. Afinal, uma jogada sensacional de Maneca decidiu a partida aos vinte e oito minutos. O meia direita recebeu de Danilo, driblou Santos, Marinho, Juvenal e Rubinho, acabando por atirar de forma espetacular, enganando Oswaldo quanto à direção do shoot. O goal, pela sua feitura, eletrizou a torcida cruzmaltina, tanto mais que foi o goal da vitoria

A EXIBIÇÃO DO VASCO

O Vasco fez uma grande exibição, que lhe garantiu uma situação de expectativa para decidir o Torneio Rio-São Paulo. Jogando bem completo, lançou todos os esforços quando sofreu a expulsão de Ademir. A defesa apresentou bom rendimento, com Barbosa, Augusto, Ely e Danilo em plano destacado. Maneca, Tesourinha e Chico, que entrou depois, foram as figuras do ataque. Ademir, extremamente irritado, tanto reclamou que acabou expulso pelo árbitro Gama Malcher.

HISTORIA DO CAMPEONATO BRASILEIRO

(Conclusão da pag. 5)

São Paulo x Rio Grande do Sul — 1.º jogo: São Paulo, 5x0; 2.º jogo: Rio Grande do Sul, 5x4. Prorrogação: São Paulo, 1x0.

Distrito Federal x Minas — 1.º jogo: Distrito Federal, 8x3; 2.º jogo: Distrito Federal, 2 a 1.

Distrito Federal x São Paulo — 1.º jogo: São Paulo, 5x2; 2.º jogo: Distrito Federal, 3x2; 3.º jogo: Distrito Federal, 4x1.

CARIOCAS 12, PAULISTAS 6 E BAIANOS 1

Recapitulando a serie de reportagens que divulgamos sobre o Campeonato Brasileiro de Football, verificamos que os números finais dos certames são estes: Campeonatos disputados — 19; Cariocas — 12 titulos; Paulistas — 6 e Baianos —1 .

1.º Campeonato — 1923 — São Paulo (APEA)
2.º Campeonato — 1924 — D. Federal (AMEA)
3.º Campeonato — 1925 — D. Federal (AMEA)
4.º Campeonato — 1926 — São Paulo (APEA)
5.º Campeonato — 1927 — D. Federal (AMEA)
6.º Campeonato — 1928 — D. Federal (AMEA)
7.º Campeonato — 1929 — São Paulo (APEA)
8.º Campeonato — 1931 — D. Federal (AMEA)
9.º — Campeonato — 1934 — Baia (LBDT)
10.º Campeonato — 1935 — D. Federal (FMD)
11.º Campeonato — 1936 — São Paulo (FPF)
12.º Campeonato — 1938 — D. Federal (LFRJ)
13.º Campeonato — 1939 — D. Federal (LFRJ)
14.º Campeonato — 1940 — D. Federal (LFRJ)
15.º Campeonato — 1941 — São Paulo (FPF)
16.º Campeonato — 1942 — São Paulo (FPF)
17.º Campeonato — 1943 — D. Federal (FMF)
18.º Campeonato — 1944 — D. Federal (FMF)
19.º Campeonato — 1946 — D. Federal (FMF)

COMO BOM AMULETO ELE VAI ESPANTANDO OS FANTASMAS

Yustrich Voltou Reacendendo Esperanças

DE JANUARIO CARNEIRO

BELO HORIZONTE, janeiro — Esta não é a primeira vez que o América convoca Yustrich para suas fileiras num instante de atrozes dificuldades Tenho perdido as esperanças em encontrar no argentino Papetti, depois de vê-lo se apagar como pivô, um condutor da equipe como orientador técnico, teve de por o clube alvi- verde os seus melhores adeptos em ação, na busca de um treinador que, sendo de alta capacidade, estivesse dentro das possibilid ades do clube. Em suma, u mensaiador bom e barato...

Foram frustadas as mais e menos habilidosas investidas. O p residente, àquela época Alair Couto — depois consagrado com o melhor dirigente que já teve o football das montanhas — acabou descobrindo Yustrich. Adepto do América, dele se tornou associado e fervoroso admirador, frequentando o clube constantemente, tendo chegado até a ser um dos valores da segunda divisão de basketball da "Academia". A sua época de crack, conviveu com os maiores técnicos e os mais famosos ases. Fez o curso da Escola Nacional de Educação Fisica. E não deixou nunca de observar no football, os homens, as técnicas e as táticas.

Alem do mais, dono de idéias firmes senhor de pontos de vista definidos, tinha inclinação natural e visivel para criar e manter a disciplina. Naquele dificil principio de 1948, Yustrich se afigurou ao presidente Alair Couto como um precioso "achado..."



Yustrich volta a. cartaz, retornando a América

A DESCOBERTA SENSACIONAL

Comprometendo-se como amador, assumiu a direção dos teams de football do América. Prestando valiosa cooperação na gigantesca campanha de remodelação do estadio do América, Yustrich voltou-se de corpo e alma a uma outra remodelação, tambem extremamente dificil, que lhe cabia executar: a do Departamento de Football do clube.

Expôs seus pontos de vista, seu método de trabalho, suas exigencias, suas concessões, seu programa. Estabeleceu um principio rigido e inflexivel: a disciplina a qualquer preço. E foi cultivando-a e mantendo-a que viveu todos os seus dias no América. Dias dificeis, decerto. Mas vitoriosos. Esmagadoramente vitoriosos.

Campeão da cidade, campeão de dois triangulares noturnos, campeão do Quadrangular Interestadual, vitorioso em varias partes do Estado e do pais, colaborou decisivamente para que o ano de 1948 fosse o mais feliz de toda a historia, longa e gloriosa — é bom que se diga — do América F. C.

Um ano de tantas luzes, quantas foram as sombras da temporada seguinte.

EI-LO QUE VOLTA, "AINDA MAIS INTRANSIGENTE"

Saindo Alair Couto, que recusou a reeleição, coube ao Sr. Rui Gervasio Avelar dirigir o América. Esteve apenas 45 dias, muito embora tivesse tudo para se tornar um digno sucessor do "presidente dos presidentes". Todavia, muitas coisas tenebrosas ocorreram no América naqueles dias de abril e maio de 1949. O Sr. Osvaldo Nobre e uns poucos mais, ansiosos por conseguir o comando de um clube que ostentava uma posição de solidez e prestigio como nenhum outro, moveram ao novo mandatario uma campanha de "golpes baixos" que ficou na historia como alguma coisa do que de mais indigno até agora por aqui se registou.

Homem de brio, Rui Gervasio afastou-se, temendo o contato de um grupinho pouco recomendavel. Deu-se então o esperado: eles — os inimigos do novo presidente — assumiram o poder e a devastação total foi iniciada, para só terminar agora, faz pouco tempo, deixando o América na condição de "terra arrasada". Yustrich saiu antes que eles chegassem. Iniciou-se, a partir daí, a politica dos contratos fabulosos e impossiveis, o regime da balburdia, da irresponsabilidade e de indisciplina.

Ao final da temporada de 49, todavia, eles deixaram o America, largando à sua retaguarda um rastro de destruição, uma lembrança amarga. Com o rastro e a lembrança, odio e rancores.

Tudo perdido, o campeonato, o prestigio, o quadro social, a evidencia, a situação financeira, iniciou-se o ciclo da redenção. Das mãos de uma Junta Governativa, o América passou à direção do Sr. Henrique Diniz. E coube a êle fazer voltar Yustrich ao "deca". Não só como um preito de reconhecimento; mas tambem, e especialmente, como uma necessidade. O preparador consagrado retomou sua posição dizendo: "Agora, como profissional, serei ainda mais intransigente que em 1948".

Prova de que segue sendo o disciplinador energico, por vezes violento, da jornada anterior.

O RENASCIMENTO DAS ESPERANÇAS

Certo é, contudo, que na Alameda outros já são os sistemas de trabalho e, com eles, as esperanças de um futuro mais risonho, sem a tormenta dos disparates disciplinares e das aberrações tecnicas. Defensor do conforto e da prosperidade dos jogadores, com eles providenciou um ajuste nos contratos afastando as vantagens extraordinarias, de cumprimento impossivel, a fim de permitir que os salarios e as luvas sejam pagos à risca, conforme rezam os compromissos.

Quando se respira ar mais puro no estadio "Otacilio Negrão de Lima", é justo que os americanos prevejam a repetição dos exitos formidaveis que Yustrich anteriormente alcançou. A promoção dos valores moços do clube já foi iniciada. Ases da seleção do interior, como o pivot Edson, como o back Marcio, como o comandante Darci estão sendo procurados para engajamento. Dar-se-á a renovação como medida de precaução contra a saida dos jogadores caros e contra o ocaso dos atletas idosos.

E' assim que Yustrich, como bom amuleto, vai espantando os fantasmas que alguns "bruxos" convocaram e espalharam na Alameda.



Dois feitos de Yustrich no América: a conquista do campeonato mineiro e do quadrangular, com a derrota do Vasco, campeão dos campeões sul-americanos, por 4x2. No flagrante, Barbosa batido pela cabeçada de Valsechi entrando Petronio que levanta os braço

Um Premio Literario DE FOOTBALL

Por Marcel BERGER, presidente da Associação dos Escritores Esportivos

(Copyright do Serviço Francês de Informação, especial para O GLOBO SPORTIVO)

O esporte é como a lingua de Esopo: a melhor das coisas e... a pior. A pior quando ele leva aos excessos fisiológicos ou "chauvinistas"; a melhor quando reveste o aspecto de uma filosofia do equilibrio entre as virtudes humanas. É, assim, importante que intelectuais e moralistas o controlem de qualquer modo, o que na França se tem compreendido bem.

Entre os premios literarios que na França se concedem neste periodo de principio de ano, um dos mais originais é, decerto, o Premio Literario de Football.

Há agora vinte e dois anos que, impressionado pelo interesse que parte da elite literaria francesa consagrava ao football, me coube a mim a honra de sugerir aos dirigentes da Federação de Football da França a idéia de um Premio Literario, idéia que foi imediatamente adotada com entusiasmo pela gente do esporte, que demonstra assim um espirito mais amplo e mais livre que geralmente se supunha. A cabeça daquela Federação estava então um homem eminente, organizador de envergadura, homem letrado e diplomata, já com responsabilidades internacionais em seu dominio, e cujo nome é popular em todo o globo, que ele percorre constantemente, apesar de sua idade: Jules Rimet, presidente há perto de trinta anos da Federação Internacional de Football.

A que especie de produção literaria se destinaria esse premio? Exigir um livro completo era talvez ambicioso. Mas um conto vinha à maravilha. E' um gênero rápido, brilhante, sugestivo para todos os públicos, e onde os franceses, justamente, estão demonstrando há meio século um incomparavel talento. (Basta recordar, entre os contemporaneos, os nomes de Birabeau, Joseph Renaud, Henri Duvernois, sem falar da grande Colette). Seria, pois, um conto de 200 linhas, que tratasse simplesmente de football, o que nos competia então premiar.

E o juri a constituir? Seria facil a alguem do meu conhecimento, e que tratava então de organizar a "Associação dos Escritores Esportivos da França", arregimentar unicamente como juizes alguns nomes ilustres da literatura francesa, entre os que manifestavam interessar-se pelo football. Mas era necessario, antes de tudo, contar com alguns desses jornalistas esportivos — de alta envergadura e cultura — de que pode orgulhar-se, a justo titulo a imprensa especializada deste pais. Destacavam-se três, todos eles antigos "internacionais": Maurice Pefferkorn, Gabriel Hanot e Emmanuel Gambardelle — hoje sucessor de Jules Rimet na nossa presidencia nacional.

Juntou-se a eles Pierre Bost, já romancista notorio, que foi mais tarde um dos nossos cenaristas e autores de diálogos mais cotados ("A Sinfonia Pastoral", etc.) e Joseph Jolinon, o autor já clássico do "Jogador de Bola".

Foi para mim uma grande alegria levar a assumir o papel de presidente do juri deliberador um amigo de juventude, um "atleta", com quem eu tantas vezes tinha jogado (o rugby) e corrido os 400 metros, e que já era no mundo um dos melhores representantes da nova geração literaria francesa: Jean Giraudoux.

Juri encantador onde a alegria, a camaradagem, ao lado da seriedade e da competencia sempre se afirmaram ao longo dos últimos quatro lustros. Logo no primeiro ano, o sucesso excedeu todas as nossas expectativas. Primeiro, o número de candidatos que logo foi de 300 para atingir mais tarde a cifra de 675; 675 contos sobre o football, ou pelo menos, onde este representava a parte principal. (E' claro que não se tratava, como pensam ainda alguns neófitos, de nos narrar uma parte, mesmo atraente, do jogo em si, mas de procurar associar o interesse — já preponderante — de um grande esporte a todos os motivos das preocupações humanas desde os negocios à religião, desde o patriotismo ao amor).

Lembro-me de nosso primeiro laureado, o autor de um relato interessantissimo que se desenrolava no cenario de uma enfermaria dos "castigados" na Legião Estrangeira. Ouço ainda Jean Giraudoux dizer-nos, abanando a cabeça: "Trata-se decerto de um velho esportista!".

Era a obra de uma mulher, ex-enfermeira dos legionarios, Hélène Rouvier.

(Conclue na pag. 14)

VITORIA DO PALMEIRAS SOBRE O FLUMINENSE





... PAULO, fevereiro (De P. Frank, especial para O GLOBO SPORTIVO) — Partida fraca disputaram Palmeiras e Fluminense, perante público reduzido e debaixo de uma chuva constante. Sem outros atrativos que a exibição dos "brotinhos" do tricolor e uma nova formação do quadro bandeirante, a peleja, pela posição dos dois quadros na tabela de classificações, não despertou interesse e talvez por isso não correspondeu em momento algum ao renome dos quadros que se encontravam em campo. Tanto Palmeiras como Fluminense muito deixaram a desejar; o Palmeiras, muito embora mais agressivo, não se completou, pois faltou harmonia entre a defesa e o ataque, enquanto o Fluminense exibiu-se fracamente, surpreendendo os que o viram atuar frente ao São Paulo e a Portuguesa, quando evidenciou grandes méritos. Venceu o Palmeiras pela maior impetuosidade e melhor entendimento de seus avantes, com Jair atuando bem e Lima revelando-se na extrema direita, o que exigiu da retaguarda tricolor muito esforço, nem sempre bem sucedido. O maior erro do Fluminense residiu, sem dúvida, em insistir na troca de passes rasteiros e miudos, o que não era de forma alguma aconselhavel em virtude do estado do campo, um autêntico lamaçal. Dai a superioridade palmeirense, com seus integrantes efetuando jogo de primeira, sem muitos driblings, procurando chegar o mais rapidamente possivel à meta confiada a Castilho. O placard final refletiu o andamento da pugna, pois o quadro local foi o mais completo em todos os instantes.

COMO SE COMPORTARAM OS JOGADORES

Oberdan foi pouco empenhado, aparando com firmeza as bolas que foram endereçadas ao seu arco. Na zaga, Sarno e Palante estiveram na mesma plana, com um bom desempenho. Tulio e Manoelito foram os melhores da linha media, muito batalhadores, com Salvador em plano secundario. Na linha de ataque sobressaiu-se o trabalho de Jair, construindo com perfeição, de Lima e Aquiles. Canhotinho e Washington, regulares. Na equipe tricolor Castilho foi o melhor homem, atuando com grande firmeza. Lafaiete e Flavio disputaram excelente partida, desfazendo as tramas perigosas da linha alvi-verde. Cento e Nove e Valter, que finalizaram a partida na zaga, não comprometeram. Valdir foi o mais trabalhador dos medios, destacando-se tambem a atuação de Emilson e Pé de Valsa. Na linha de avantes, Didi e Rodrigues esforçaram-se bastante, seguidos de Miltinho, que substituiu Carlyle, que vinha atuando mal. Cento e Nove regular.

OS MARCADORES

Aquiles (2), sendo um de penal, e Washington, marcaram para o Palmeiras e Miltinho para o Fluminense.

QUADROS, JUIZ, RENDA

O Palmeiras atuou com: Oberdan — Sarno e Palante — Tulio, Manuelito e Salvador — Lima, Aquiles, Washington, Jair e Canhotinho (Roverio).

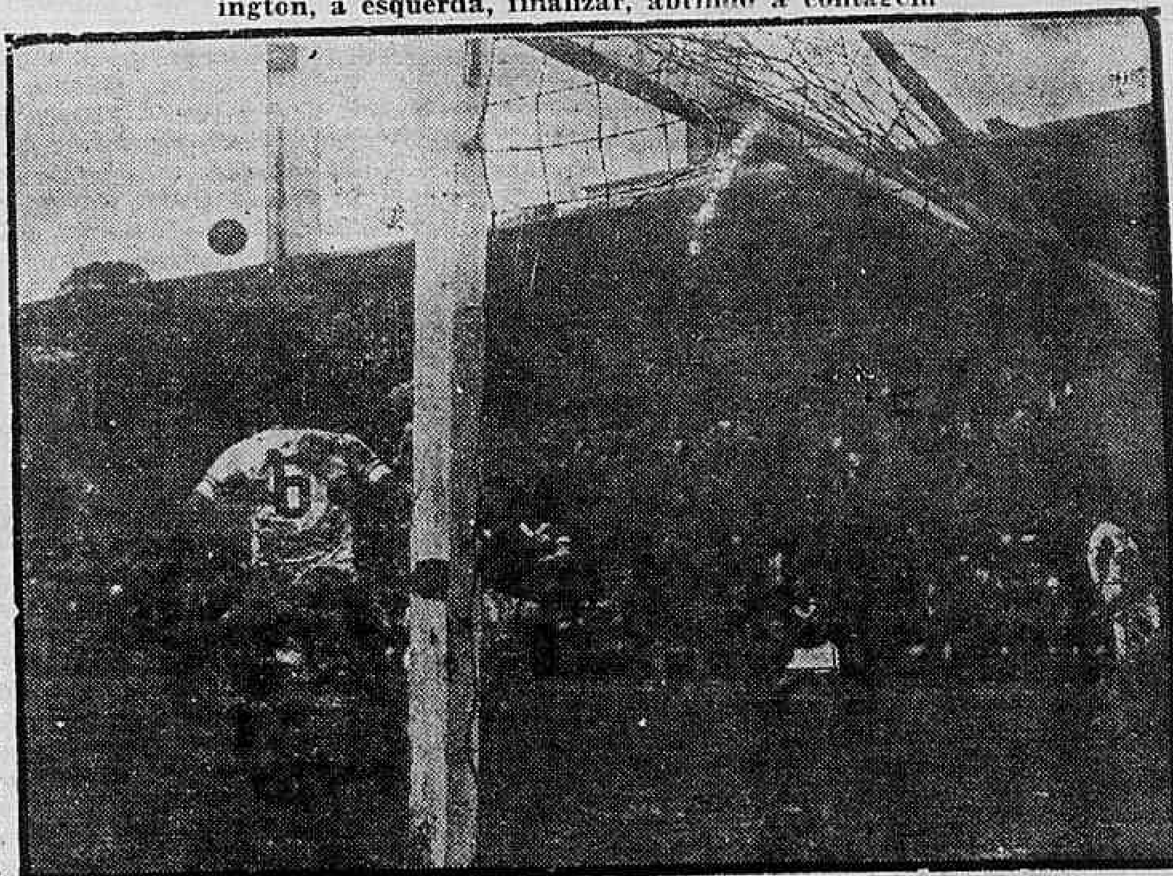
O Fluminense com: Castilho — Lafaiete (Cento e Nove) e Flavio (Valter); Valdir, Emilson e Pé de Valsa — Cento e Nove, Didi, Carlile (Miltinho), Orlando e Rodrigues.

O juiz foi o Sr. Antonio Musitano, regular, mas excessivamente rigoroso na expulsão de Lafaiete.

A renda foi de Cr$ 108.730,00.



Aquiles escapou mas Castilho abandonou o arco e lançou-se a seus pés, sem conseguir todavia segurar a pelota, que sobrou para Washington, à esquerda, finalizar, abrindo a contagem



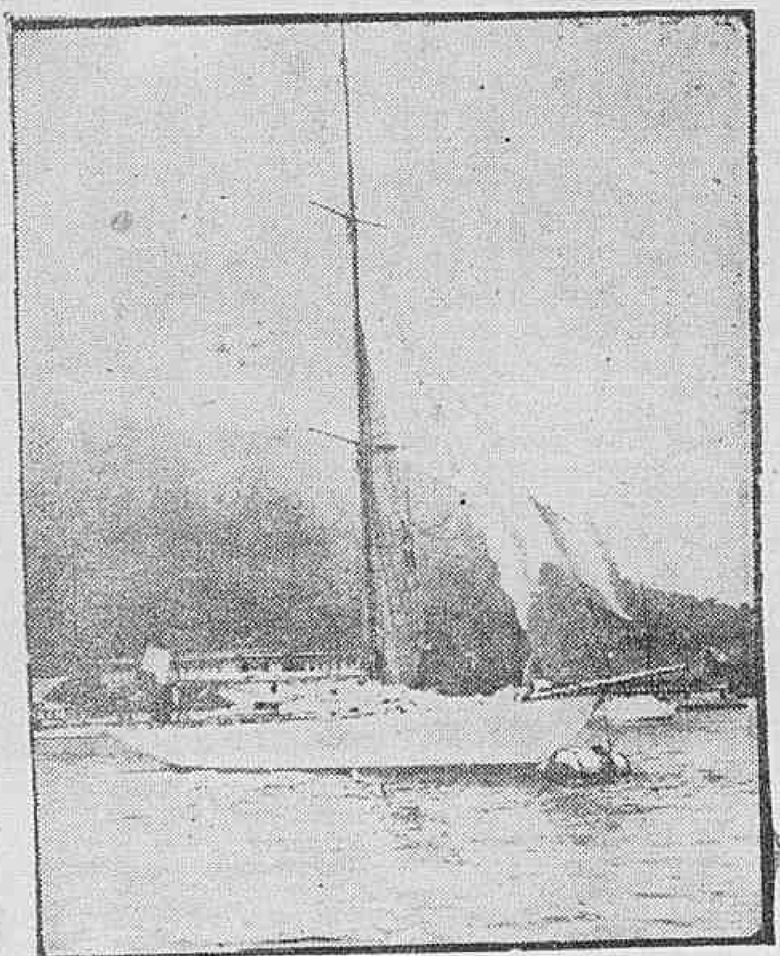
Castilho salta e defende com os punhos, desfazendo uma investida palmeirense

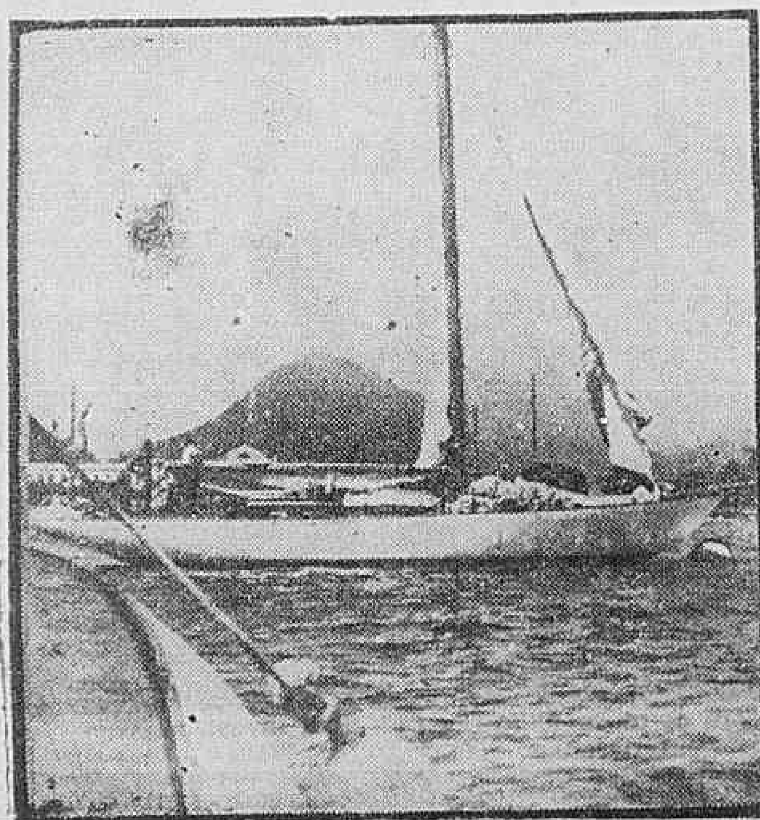


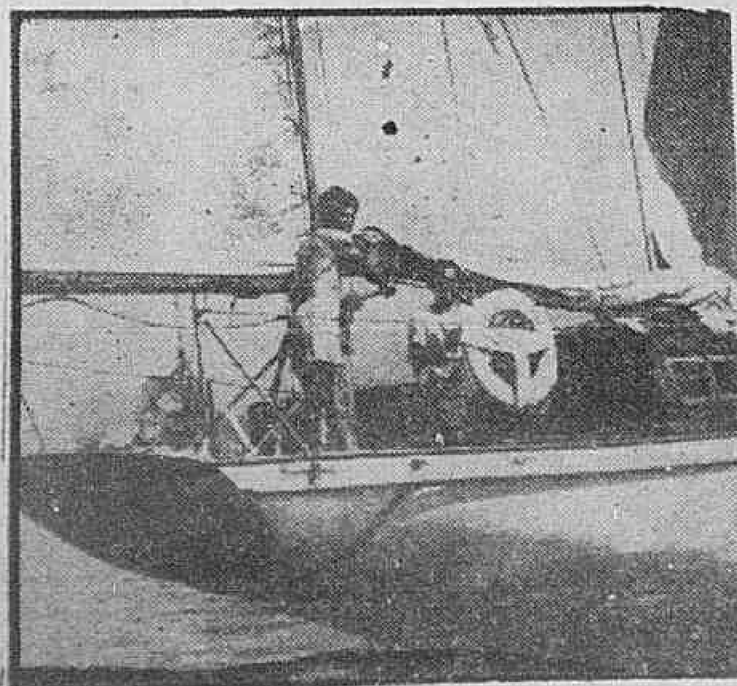
Washington, centro-avante do Palmeiras tentou finalizar mas chegou antes da bola, que foi afastada da area tricolor

O «VENDAVAL» E O «FJORD III»

OS HEROIS DA REGATA


O "Fjord III" ancorado na enseada do Iate Clube


O iate argentino "Fjord III" quando apontava à baía de Guanabara


Um detalhe do "Vendaval", quando se preparava para seguir para a enseada

Revestiu-se de sensacional brilhantismo, excedendo a todas as previsões, a regata de veleiros realizada entre Buenos Aires e o Rio de Janeiro. Durante dez dias os que acompanharam com interesse a grande prova disputada por barcos brasileiros, argentinos, ingleses e alemaes, viveram em ambiente da mais intensa ansiedade e expectativa, procurando conhecer o desenrolar da regata e os acontecimentos que porventura se registaram durante a longa travessia, mostrando-se bastante animados com as noticias que davam o iate brasileiro "Vendaval" como o primeiro que deveria chegar à etapa final. Era a segunda vez que a regata se realizava, e como na primeira, disputada em 47, se anunciava a vitoria do "Vendaval" como o barco veleiro mais veloz do Atlântico Sul, merecendo, por isso, a honra de galardoar-se com a "fita azul". Não seria, entretanto, o "Vendaval" o vencedor, dado que, pelo "handicap" estabelecido, não alcançaria ele a distancia necessaria para aproximar-se da meta dentro do tempo previsto. Nem assim, porem, deixou o povo de reconhecer os méritos do iate nacional e dos seus arrojados tripulantes, proporcionando-lhes os seus aplausos incentivadores tão logo surgiu na baía de Guanabara. O "Vendaval" chegara em primeiro lugar, mas o triunfo pertencia ao barco argentino "Fjord III", que cumpriu tambem performance magnífica e era favorecido pelo handicap, o mesmo se verificando com respeito ao "Joanne", outro iate argentino, classificado em segundo lugar.

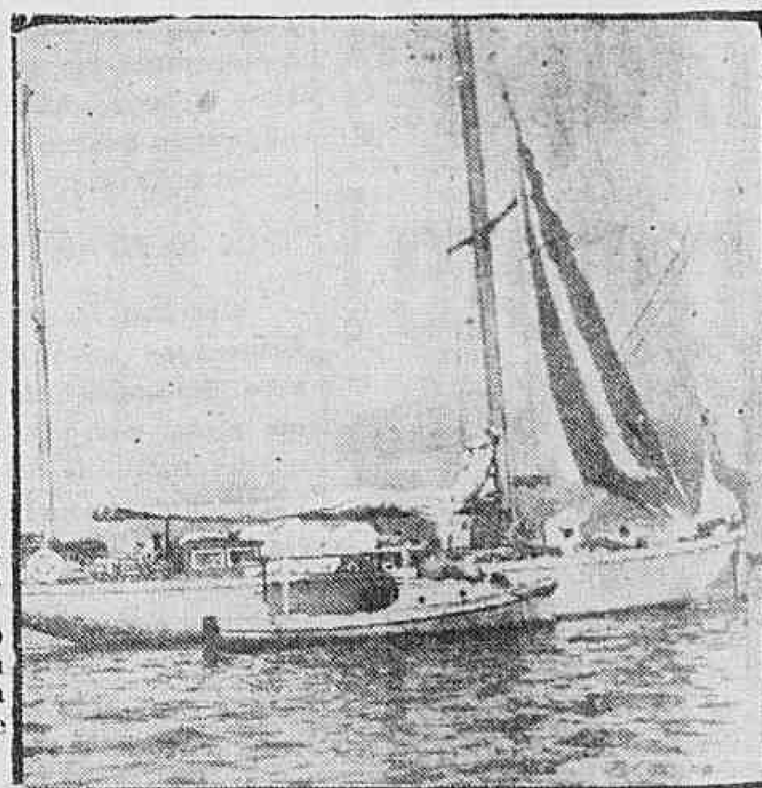
A CLASSIFICAÇAO FINAL

E' a seguinte a classificação oficial dos concorrentes à II Regata Buenos Aires-Rio:

1.º lugar — "Fjord III" — 9 dias, 13 horas, 55 minutos e 24 segundos; 2º lugar — "Joanne" — 10 dias, 55 minutos e 50 segundos: 3.º lugar — "Vendaval" — 10 dias, 5 horas, 21 minutos e 32 segundos; 4.º lugar — "Errante" — 10 dias, 13 horas, 49 minutos e 25 segundos; 5.º lugar — "Cangrejo" — 11 dias, 15 horas, 9 minutos e 17 segundos; 6.º lugar — "Ondina" — 11 dias, 18 horas, 46 minutos e 29 segundos; 7.º lugar — "Trucha" — 11 dias, 19 horas, 58 minutos e 50 segundos; 8.º lugar — "Alfard" — 11 dias, 22 horas, 17 minutos e 26 segundos; 9.º lugar — "Majoy" — 12 dias, 2 horas, 45 minutos e 21 segundos; 10.º lugar — "Turdemal" — 12 dias, 3 horas, 30 minutos e 2 segundos; 11.º lugar — "Magelan" — 12 dias, 4 horas, 48 minutos e 3 segundos; 12.º lugar — "Lady Suzan" — 12 dias, 7 horas, 13 minutos e 15 segundos; 14.º — "Mariandik" — 12 dias, 7 horas, 29 minutos e 10 segundos; 15.º lugar — "Blue Disa" — 12 dias, 10 horas, 12 minutos e 5 segundos; 16.º lugar — "Maracaibo" — 12 dias, 14 horas, 33 minutos e 4 segundos; 17.º lugar — "Cesar", ainda sem o tempo oficial conhecido; 18.º lugar — "Opa", tambem desconhecido o tempo oficial.

O iate "Halcon Negro", que deveria figurar como o 19.º colocado na grande prova de oceano, não completou o percurso, vitimado por um incendio, na altura da ilha Grande, defronte ao farol de Castelhanos. O acidente teve trágicas proporções, pois seu comandante, o yachtman argentino José Pedro Contessa, faleceu em consequencia da gravidade das queimaduras recebidas. No veleiro portenho viajava a única mulher competidora na regata Buenos Aires-Rio. Tratava-se da Sra. Vitoria R. de Contessa, esposa do comandante do barco.


Os preparativos são completados para que o "Vendaval" se encaminhe para o encourado


O "Vendaval" já fundeado na enseada do Iate Clube

OS QUE DESISTIRAM

Os iates "Aracati", "Alsabik", "Peter IV" e "Siro co" desistiram da regata. Os iates "Atrevida", "Astral", "Lorna", "Hualun", "Iseo" e "White Dove" não sairam de Buenos Aires, no momento da partida, tendo sido desclassificados.

Os iates "Albatroz" e "Fortune" acompanharam os participantes, tripulados respectivamente pelos alunos da Escola Naval, do Rio de Janeiro e de Buenos Aires, prestando importantes serviços de escolta, adestrando-se ao mesmo tempo ,na rota de navegação entre as duas grandes capitais sul-americanas.

DA PRIMEIRA FILA

(Conclusão da pag. 3)

xado. Plácido está com a bola. Os adversários fogem dêle. Goal do América!". Heitor Luz, comovido, escutou. O rádio baixinho, por ordem médica. "O barulho talvez o excite". E, dias depois, êle morreu. Levando como última recordação do futebol uma vitória do América.

—o—

10 Eu estou com a carta do "leitor assíduo" A. H. de Oliveira diante de mim. Leio outra referência a Alcides, o torcedor do Fluminense, de Pôrto Novo. Há uma linha que diz: "Alcides comprou um rádio e todo mundo acha que o rádio não vai durar muito, porque Alcides é um torcedor violento, que gosta de quebrar as coisas. Não há chapéu de palha dêle que resista a um Fla-Flu. Goal do Fluminense? Alcides joga o chapéu no chão e pisa-o. Exibindo-o, depois, como um troféu". E eu me recordo de José Lins do Rêgo. José Lins do Rêgo não quebrou chapéu de palha nenhum. Em primeiro lugar porque não o usa. Quem é que usa, hoje em dia, chapéu de palha? Mas José Lins do Rêgo disse-me que conhecia um torcedor que dera um tiro no rádio, sim, que sacara do revólver e dera um tiro no rádio quando a Itália marcou o segundo goal contra o Brasil. Qualquer um dêstes dias eu vou perguntar o nome dêle a José Lins do Rêgo. Só por curiosidade.

Quatro meses PARA A "COPA DO MUNDO"

Dentro de cem dias começarão a chegar as delegações - Como estão sendo preparadas as delegações dos quinze concurrentes

De Albert Laurence

Vamos indo, caminhando, correndo, para os dias históricos do IV Campeonato Mundial de Football ou melhor, e para respeitar os rótulos oficiais, da IV "Copa Jules Rimet" (Copa do Mundo).

Daqui a pouco mais de cem dias, chegarão no Rio as primeiras "delegações" dos 15 concorrentes do Brasil na conquista do título supremo. Serão os partidarios de uma estada demorada de "aclimação" no país organizador do certame antes dos primeiros jogos. Outros — e entre eles, uns "big" — têm um parecer completamente diferente em que diz respeito ao delicado assunto e virão ao Rio só na véspera da cerimonia de abertura da Copa. Mas todos já estão se preparando com o maior cuidado para a grande competição, e vamos passar em revista mais uma vez os varios candidatos ao título mundial para acompanhar de mais perto o que estão fazendo em vista de chegar "fit and well" nesta capital.

VIRÃO OS ITALIANOS

O Conselho Federal da "Federazione Italiana Giuoco Calcio" confirmou, em sua reunião do último sábado, que a Italia, bi-campeã mundial (1934 e 1938) virá defender seu título em junho próximo. Não podia ser de outro modo. Há apenas em Roma e em Milão uma polêmica a respeito do meio de transporte — avião ou navio — que deverá ser usado pelos 22 jogadores da "squadra azzurra". Os principais expoentes das duas teses opostas não são outros senão o proprio presidente da Federação Italiana, o Dr. Ottorino Barassi, partidario da viagem de avião, e o vice-presidente da mesma, o Sr. Giovanni Mauro, membro do Comité Executivo da FIFA e da Comissão Organizadora da Copa do Mundo, que prefere o navio. O campeonato italiano de football só terminará a 28 de maio. Viajando por via marítima, o Selecionado de Roma chegaria, portanto, no Rio, uns dias apenas antes dos primeiros jogos, e o Sr. Barassi, que demorou no Brasil varias semanas, estima que quinze ou vinte dias de adaptação ao clima tropical são imprescindiveis para os jogadores italianos acharem a "condição fisica" desejavel. Só viajando de avião logo depois do último jogo do campeonato, a coisa se tornará possivel. Mas a lembrança da catastrofe de Superga ainda não fugiu da mente das familias e dos dirigentes dos futuros membros da "squadra azzura"... Não há outro problema e acho pessoalmente que triunfará a tese do Sr. Barassi.

Entrementes, o selecionado italiano, que já demonstrou, recentemente, em Londres, contra os ingleses, que seu grande valor não sumiu com o trágico fim dos astros do Torino, vai jogar outro match internacional de preparo no domingo 5 de março próximo, contra a Bélgica, em Milão (ou talvez numa outra grande cidade da Peninsula). Depois disso, os futuros 22 titulares e reservas do Torneio do Rio serão reunidos uma ou duas vezes por mês, apesar das dificuldades criadas pela continuação de um campeonato muito duro, até o fim de maio, como já foi dito acima. Mas de qualquer modo podemos assegurar que o preparo técnico, tático, fisico e sobretudo moral dos detentores do título mundial será perfeito. E os italianos terão sua chance de consagrar-se como tri-campeões.

INGLESES E ESCOCESES OU SÓ INGLESES

E' curioso notar quanto o parecer dos dirigentes ingleses é diferente do Dr. Barassi. O selecionado inglês viajará de avião só no dia 19 de junho, isto é, quatro dias antes do seu primeiro jogo no Brasil. Os paredros ingleses acham, por experiencia, que, sobretudo nos paises de clima quente, seus jogadores não gostam de ficar esperando, durante muitos dias e em terra estrangeira, para um match importante. Dizem que os footballers do scratch de Albion poderão "sobreviver" à chave semi-final sem "aclimação" e que acharão automaticamente a "forma" com estes primeiros jogos, adaptando-se progressivamente às novas condições de vida, até sem reparar, porque terão o espirito fixado sobre "a necessidade de vencer".

Não insistiremos sobre o plano de preparo dos ingleses (jogo contra a Escocia em 15 de abril e matches do Selecionado B em 22 de fevereiro e varias datas de março, abril e maio), já que tratamos do assunto no último número d'O GLOBO SPORTIVO.

Os escoceses, apesar de já qualificados oficialmente, só virão ao Rio se vencerem ou empatarem no jogo de 15 de abril contra a Inglaterra, em Hampden Park (Glasgow). Mas é conhecido que já os dirigentes escoceses compraram as passagens de navio para o Brasil. O espirito de "economia" dos homens de Glasgow e de Edimburg é proverbial. E acho, como muito gente, que os paredros e os jogadores escoses não vão perder uma quantia tão importante como o valor de mais ou menos 30 passagens para o Rio. O Campeonato escocês acaba em fins de abril. Os planos da Federação escocesa para maio e junho ainda são misteriosos e o problema é para ela o mesmo que para os ingleses: manter 22 jogadores "em forma" durante os meses que eles costumam aproveitar para passear e descansar.

NA EUROPA INTEIRA

Espanhóis e portugueses marcaram finalmente as datas de 2 e 9 de abril para seus jogos eliminatorios com eventual "negra" em Paris, a 23 do mesmo mês. Já houve varios ensaios de conjunto do scratch português e a 26 de fevereiro contra o Racing de Buenos Aires. Os espanhóis, favoritos indicutiveis, estimam que os jogos dos seus maiores clubes contra os argentinos já adiantaram muito as coisas. Têm o propósito de jogar dos matches internacionais em Madri (alem dos jogos contra Portugal) e de "formar" boas reservas com uma serie de compromissos no estrangeiro do seu Selecionado B. Os jogadores serão requisitados e concentrados a partir do 20 de março.

A Suiça acaba de "escolher" nada menos de 70 jogadores para um preparo especial e "segredo" para o Campeonato Mundial. A derrota em Sheffield para o Scratch B da Inglaterra não desanimou os dirigentes helvéticos, pois foi uma "expedição" improvisada no último momento para prestar serviço aos ingleses que se achavam sem adversarios depois das desistencias sucessivas da Finlandia e da Holanda. Serios e teimosos, os suiços são certos de mandar ao Rio um quadro nacional que saberá se fazer respeitar. Vamos ver... Entrementes, a Suiça treinará domingo 12 de fevereiro contra o excelente quadrão de clube do Dinamo de Zagreb (Iugoslavia), em Laudanna.

A Turquia está com propósitos idênticos e conta com o trabalho de excelentes técnicos ingleses e italianos para caprichar a "condição" do seu selecionado que já tem o mérito de ter espantado a Austria.

Na Suecia e na Iugoslavia, não se pode jogar football na atual estação. Não há dúvida, contudo, que os homens de Tito terão todas as facilidades possiveis para chegar ao Rio com todos os trunfos no seu jogo.

Os suecos, muito desiludidos com a desastrosa "tournée" do Malmoe, já marcaram uma "concentração" dos seus maiores jogadores, de 27 de março até 1.º de abril, no Instituto Nacional dos Esportes de Bosoen. Durante estes três dias de trabalho, os peritos suecos tentarão tirar as lições da infeliz experiencia do Malmoe e elaborar um plano racional de preparo para o selecionado nacional durante os meses de abril, maio e começo de junho.

NA INDIA E NOS ESTADOS UNIDOS

Mas não é apenas na Europa que se pensa na Copa do Mundo. Nossos leitores já conhecem as declarações do Sr. Dutta. Roy, secretario geral da "All India Football Association". A Federação da India quer vir ao Rio. Em março próximo serão designados os 22 jogadores do selecionado nacional que empreenderá uma "tournée", passando pela Suecia, a Suiça, a Italia e a Inglaterra. Assim os footballers indianos se familiarizarão melhor com o jogo dos europeus, mas desde já, o nosso confrade sueco Wolf Lyberg, que acompanhou o quadro de Helsingborg na sua recente viagem ao Extremo Oriente, afirma que a India fez enormes progressos desde o Torneio dos Jogos Olimpicos de Londres. Escrevia recentemente, aliás, no diario esportivo de Paris, "L'Equipe", as linhas seguintes:

"Apesar de admirador e torcedor do football francês, devo afirmar clara e altamente que a India merece, indiscutivelmente, ser representada na grande competição mundial. Os jogadores atuais são superiores de cem por cento aos que vi jogar em Londres no Torneio dos Jogos Olimpicos. Todos têm técnica excelente e os jogadores suecos acham tambem que não há quadro na Europa continental com uma técnica superior a dos footballers de Calcutta. Sua habilidade é extraordinaria no dominio da bola e o meia Ahmed Khan é superior a Ben Barek, que considerava até hoje como o maior jogador de football que nunca vi na minha carreira de jornalista. Sem dúvida a India não será campeã do mundo. Mas acho seus jogadores nitidamente superiores aos dos Estados Unidos e têm uma boa chance contra selecionados como os do México, da Suiça e da minha patria, a Suecia".

No outro lado do planeta, os Estados Unidos trabalham tambem para não "fazer feio" no Torneio do Rio. Terão, antes do Campeonato Mundial, a visita de muitos grandes quadros europeus e esperam aprender bastante nestas ocasiões.

Será primeiro o famoso Hamburger Sport Verein alemão que jogará seis vezes em Nova York. Depois virão o Manchester United, vencedor da "Taça da Inglaterra" de 1948 e grande favorito do atual campeonato inglês, o excelente Sampdoriz de Gênova, da Primeira Divisão italiana, o Malmoe sueco, o Bratislava, campeão da Tchecoslovaquia, etc. Esta serie de matches sensacionais constituirá a melhor preparação para os jogadores norte-americanos que defenderão as cores dos Estados Unidos no Brasil.

No México, tambem, tudo será feito para conseguir no Rio melhores resultados do que as terriveis derrotas recentemente sofridas na Espanha. E já os resultados dos jogos contra o River Plate argentino são mais animadores.

No mundo inteiro, portanto, pois, não é necessario dizer aqui o que está se fazendo na América do Sul, os dirigentes e jogadores, os jornalistas e torcedores, todos estão com os olhos voltados para o maior certame internacional na historia do football.

E daqui há pouco mais de cem dias, chegarão as primeiras delegações. Grandes e inesqueciveis dias em perspectivas para os desportistas do Brasil

ATUALIZEMOS NOSSAS COMPETIÇÕES FOOTBALLISTICAS

Dr. Cesar Seara

Exercem os dois maiores centros footballisticos do país — Distrito Federal e São Paulo — verdadeira ditadura sobre todas as atividades relacionadas à materia, que se desenrolam pelo interior. E, indo mais alem, podemos até afirmar que no Brasil, em materia de football, tudo se passa de acordo com os interesses dos grandes clubes profissionalistas da Capital da República, que apenas se dignam a fazer algumas concessões aos paulistas, quando entram em choque pontos de vista dos dois patrões desta enorme fazenda que é o "soccer" patricio. A primeira vista hão de parecer exageradas e facciosas tais assertivas. Poderíamos, entretanto, amontoar inúmeros argumentos, em que eles se apoiam, não nos bastasse apenas citar o ocorrido com o Campeonato Brasileiro de Football, cuja extinção gradual foi decretada por uns poucos paredros de clubes cariocas e desde logo posta em execução movida por forças incoerciveis.

* * *

E de anual que era a grande festa do football brasileiro, passou a ser disputada a cada dois anos, assim mesmo sob a mais absoluta má vontade e até sabotagem dos homens de mentalidade de "chacrinha" que governam os todo-poderosos clubes da Metropole. Clubes, é bem de notar, e não entidades, que estas têm sempre interesse em manifestações como soem ser os Campeonatos brasileiros e outras de representações por unidades federativas. A Confederação Brasileira de Desportos, principalmente, tem seu potencial financeiro vitalmente ligado ao Campeonato Brasileiro de Football, que é a única fonte de renda com que conta para o custeio das demais atividades esportivas a que se dedica, já que as subvenções governamentais são até ridiculas em relação às necessidades orçamentarias da suprema dirigente do esporte nacional.

* * *

Argumentam muitos, todavia, que não tem o football profissional obrigação de sustentar esportes amadoristas tais que remo, natação, tennis, tennis de mesa, ciclismo etc., dos quais tem a C.B.D. filiação internacional e que, como tal, superintende no país. Razoavel até certo ponto tal argumentação, pois que somos de pensar que cada esporte deve viver por si proprio, sob direção cem por cento especializada. Atente-se nos exemplos do basketball, do pugilismo, do tiro, vela e motor, cujas relações nacionais e internacionais são diretas, vivendo assim legal e administrativamente autônomos, embora com certas dificuldades. Alegam os da C. B. D. a seu turno, que se cortarem os cordões umbelicais dos esportes que lhe sao filiados, não terão estes capacidade para viver por sua propria conta e que como tal, não querem eles ser responsabilizados pela perda de tão ponderavel patrimonio como o são alguns dos principais esportes chamados amadoristas.

* * *

Não é esta, porem, a questão que queremos objetivar. Somos partidarios extremados da disputa anual do Campeonato Brasileiro de Football, do que demos mostra na última assembléia geral realizada na C. B. D., quando, representando a Federação Metropolitana de Remo, propusemos que a casa se manifestasse favoravelmente em tal sentido, dando assim força à diretoria da entidade, para poder enfrentar as pretensões contrarias dos grandes clubes cariocas para extinção gradual do Campeonato Brasileiro, liderados nesse movimento pelo Fluminense F. C. E o Campeonato Brasileiro de Football aí está, embora os golpes que continuam a lhe ser vibrados pelas forças tremendamente poderosas que integram a ditadura do nosso football.

* * *

Não representa isto, todavia, uma vitoria, mas tão só uma "pausa para meditação" entre duas correntes formadas como decorrencia da estreita visão e apoucados conhecimentos administrativos dos que governam a vida de uns poucos clubes desta nossa deliciosa São Sebastião do Rio de Janeiro. Assim, com exceção do C. R. Vasco da Gama, cujos diretores são os únicos a compreender que football profissional e preconceitos sociais não se misturam, os demais clubes vivem em perenes dificuldades financeiras por não disporem de quadros sociais e praças de esportes capazes de lhes propiciar receitas à altura de suas necessidades orçamentarias. Isto por não permitirem o ingresso em seus quadros sociais de gente de camadas mais humildes, como é o caso do Flamengo, que podendo ter no mínimo uns 20 mil socios pagantes, não chega a contar nem 5 mil, dadas as inúmeras propostas que rejeita, o que não acontece com o Vasco.

* * *

A obsoleta programação das competições footballisticas, entretanto, pode ser responsabilizada pela exiguidade do potencial financeiro dos clubes profissionalistas do Rio e São Paulo. Numa época em que o avião reduziu o tempo das viagens, é absurdo que ainda sejam mantidos nas principais divisões clubes de nulas possibilidades técnicas, que nos campeonatos locais representam apenas papel de figurantes e como tal, pesos mortos a serem carregados pelos demais. E no Rio mais grave ainda e o problema em vista de se manter em circulo fechado a divisão principal, a qual nenhum clube pode ter acesso ou ser rebaixado, embora ainda existam duas vagas para completar o número de competidores ao Campeonato Carioca de Football. Já em São Paulo, com o maquinismo de acesso funcionando, do interior estão surgindo clubes, como o XV de Novembro de Piracicaba e agora o Guarani, de Campinas, que estão desbancando as associações da Capital bandeirante na primeira divisão.

* * *

Mais do que quaisquer outras vantagens, o Campeonato Mundial de Football que teremos este ano nos está trazendo as de melhor conhecermos as organizações footballisticas dos mais adiantados centros, sobre as quais cronistas nacionais e estrangeiros vêm diariamente tecendo considerações. E na velha Grã-Bretanha poderemos colher excelentes ensinamentos para a modificação do nosso calendario footballistico, o qual, da maneira por que se acha organizado, não mais será capaz de atender às necessidades do nosso público e dos clubes das principais capitais. Com o avião, conforme já acima dissemos, não há mais o problema das distancias em nosso país, embora a sua descomunal vestidão. Por que então não se traçar novos roteiros, que incluam entre as competições ordinarias, clubes das nossas principais cidades, hoje praticando quase tão bom football quanto os do Rio e São Paulo? Aí está, como ponderavel prenuncio, o êxito do Torneio Rio-São Paulo, o qual, se ampliado para uma grande competição aberta a todos os grandes clubes das demais capitais que estiverem capacitados para tal, constituirá empreendimento de remarcaveis fatores financeiros e culturais. Veja-se o exemplo da Grã-Bretanha, a qual, a par do campeonato normal das quatro divisões que realiza anualmente entre clubes e faz ainda disputar a Copa da Inglaterra, aberta a todos os clubes regularmente funcionando na entidade, e que conta este ano com 64 concorrentes, cuja seleção é feita por sistema eliminatorio.

* * *

Não diremos, pois, que de logo se decrete a extinção dos campeonatos regionais, conforme se vem fazendo, como tampouco a do campeonato brasileiro. Ainda na Grã-Bretanha temos o exemplo do sucesso que obtêm eles com o campeonato das Ilhas Britânicas, no qual intervêm representações da Escocia, Irlanda do Sul e do Norte e País de Gales. Tampouco preconizar para o nosso país a aplicação do que alí se pratica, sem se levar em conta as profundas diferenciações géo-politicas que existem entre nós e eles, será rematada tolice. Atualizar, porem, o nosso calendario, experimentando a ampliação do Rio-São Paulo para uma competição aberta a clubes de outras capitais não nos parece debater materia inviavel, de vez que a rotina que timbram por manter os responsaveis pelos destinos do nosso football é que se encontra absolutamente obsoleta e negativa.

Instante decisivo!

Também num instante

BAYER

Instantina

CORTA OS RESFRIADOS

Um Premio Literario DE FOOTBALL

(Conclusão da pag. 10)

Desde então, os anos se passaram, trazendo-nos, cada outono, o seu contingente de contos, a maior parte "fraquinhos", mas alguns deles bem feitos, interessantes, trágicos, humoristicos, que saiam às vezes da pena de um escritor já no limiar de uma brilhante carreira. Um dos outros cenaristas mais cotados no nosso meio, Pierre Laroche (Les Visiteurs du Soir), etc., teve como o Premio de Football um de seus primeiros sucessos. Um dos nossos recentes "Premio Goncourt" — critico dramático em voga — diretor atual da Universidade dos "Annales", Francis Ambriere, foi um dos nossos laureados de 1935.

Com efeito, a qualidade das obras premiadas ao longo de vinte e um anos é tal, que a Federação se viu este ano obrigada, para satisfazer frequentes pedidos, a reuni-las em um volume sob o título de "30 Shoots au But".

Ao ler esse livro, admira-se o talento e a variedade do talento manifestado por desconhecidos, que não tinha, em geral, no coração senão o amor por um belo jogo e pela boa literatura. André Maurois, que substituiu depois no juri Jean Giraudoux, disse recentemente num artigo sobre "30 Shoots au But", publicado no jornal "Opéra", que algumas das novelas premiadas eram dignas de Mérimés e de Rudyard Kipling.

Acaba de ser proclamado há alguns dias o laureado de 1949. E', por certo, uma mulher, Myriam Champigny, que nos deu um sugestivo "monólogo interior", o de uma neófita levada pelo marido a um primeiro match de football. Esse conto figurará, decerto, numa reedição, que se anuncia para breve, de "30 Shoots au But".

Entretanto, essa coletanea, de que todos os dias chegam pedidos à Federação de Foot-ball para bibliotecas estrangeiras, contribui a projetar no mundo moderno esse duplo gosto dos franceses pelo esporte e pela cultura, cuja aliança nos leva aos belos tempos atenienses.

SINCEROS, OS CHILENOS



ADEMIR, EXPULSO

Uma fotografia rara, o atacante Ademir deixando o campo, punido pelo juiz. Ademir, que era tão calmo como meia ou ponteiro, no comando da ofensiva revelou-se temperamental, reclamando contra quase todas as decisões do juiz. Contra o Flamengo esteve ameaçado de expulsão, o que se concretizou no match com o Botafogo. E aos 43 minutos do primeiro tempo o Vasco deixou de contar com o concurso do seu valor mais alto da ofensiva.

E os chilenos não vieram mesmo... Não vieram e ninguem se sentiu com coragem para recriminar e profligar a decisão tomada pelos dirigentes da entidade andina, porque os argumentos apresentados foram de molde a não deixar dúvidas sobre a sinceridade dos motivos alegados. Essa sinceridade manifestou-se autorizadamente desde o inicio quando duas correntes trabalharam em sentido oposto com respeito a vinda ou não do selecionado que disputaria duas partidas amistosas com o "scratch" brasileiro. Até mesmo a corrente que se opunha à execursão agiu dentro dos principios mais corteses e respeitosos para com os dirigentes e o público desportivo brasileiro, porque não esconderam as suas verdadeiras razões e não se esqueceram de confessar que a excursão redundaria num grande fracasso técnico e financeiro, o qual acabaria traduzindo uma autêntica burla ao público que acorreria a assistir as duas exibições programadas. A outra corrente, aquela que trabalhou para quem o selecionado andino viesse de qualquer maneira, também teve uma atitude extremamente elogiosa, que se manifestou pela certeza que nos deu de que os chilenos sabem ir a extremos para saldar os seus compromissos internacionais. Por três ou quatro vezes, discutida a materia pelos integrantes das duas correntes que se formara dentro da Federação Chilena, uma favoravel à vinda do "scratch" e outra contra, alegando motivos muito respeitaveis, as alternativas oferecidas nos deixaram a nítida impressão da sinceridade com que os chilenos, de um lado e de outro, estavam agindo — sinceridade essa que se tornou mais clara com a decisão final nos termos das satisfações plenas dadas à C. B. D.

Em principio tudo foi assentado para a vinda do selecionado chileno. A excursão teria as suas vantagens. A vinda dos andinos facilitaria uma nova oportunidade para o maior estreitamento das relações da amizade que nos prende àquele grande povo. O Bangú A. C., que alí estivera naqueles dias, já havia levado a saudação efusiva dos brasileiros, reafirmando aos chilenos o nosso apreço e o nosso aféto. Os entendimentos se processavam então dentro do ambiente de cordialidade que sempre presidiu as relações entre os dois povos. Tudo resolvido, aguardou-se, em seguida, a data do embarque por via aerea para o Brasil do selecionado chileno, o qual estrearia a oito do corrente no Parque Antártica, enfrentando, em prelio-treino amistoso, o "scratch" brasileiro. Mas, logo surgiu o primeiro impasse, por uma questão de somenos, de carater estritamente interno. O técnico Boffi havia sido substituido pelo húngaro Platko e tal substituição provocou uma crise interna que redundou na renuncia do Sr. Poncea, da presidencia da Divisão de Honra. Mas, o assunto não foi logo encerrado e em nova reunião tudo foi discutido sob outro prisma, decidindo-se que viria o selecionado com os dois técnicos, permitindo-se assim que o Sr. Poncea retirasse o seu pedido de demissão.

Tudo parecia satisfatoriamente resolvido quando nova decisão tomou a Federação Chilena, decisão agora com carater definitivo: não era possivel a vinda do selecionado. Imediatamente, antes que os "boatos" tomassem curso deturpando a verdade dos fatos, para colocar os dirigentes chilenos em dificuldades e em situação dúbia, um telegrama foi passado à C. B. D., esclarecendo as verdadeiras razões pelas quais era impossivel a vinda do "scratch". Dizia o telegrama: "Com enorme sentimento, devemos comunicar o cancelamento da excursão programada para os dias 8 e 12 do corrente. Ao alterar a direção técnica do selecionado pudemos verificar o deploravel estado físico em que se encontram os jogadores convocados por excesso de treinamento e atividade ininterrupta, chegando à conclusão de que a excursão, realizada agora, constituiria um grande fracasso desportivo e uma burla ao respeitavel público brasileiro. O desastroso resultado da partida disputada na noite de hoje confirmou as informações técnicas sobre o estado fisico dos jogadores, razão pela qual nos vimos obrigados a pedir o cancelamento da excursão. Queremos rogar-lhes se sirvam compreender o nosso sentimento ante esta determinação, tanto mais doloroso quanto maior é o apreço e a amizade que nutrimos pela C. B. D. Pedimos-lhes aceitar as nossas escusas e comunicar-nos os prejuizos causados pelos gastos feitos".

Mesmo vencedora em sua sugestão de que seria contraproducente para o football chileno a vinda do "scratch", soube a corrente que por tal se batia dar amplas e plenas satisfações aos dirigentes do football brasileiro, revelando a sinceridade da decisão que acabava de ser tomada. Procedem os chilenos com elegancia e educação, revelando qualidades que os dirigentes do football argentino ainda não souberam demonstrar com a mesma virtude e discernimento.

Vale a penas acentuar que, embora tenham sido justos e razoaveis os motivos apresentados, logo aceitos pelos brasileiros, a decisão da Federação Chilena provocou outra crise em seu seio, ocorrida com a renuncia de quem mais trabalhou para que fosse cumprido o compromisso assumido com a C. B. D. Amigo do Brasil, cujas provas tantas vezes nos tem dado, o Sr. Luiz Valenzuela, presidente da Federação Chilena, tudo fez para que o selecionado chileno viesse competir em nosso país. Por duas vezes, com a sua influencia pessoal e com o prestigio inegavel de que desfruta em seu país, o Sr. Valenzuela resolveu as crises surgidas no seio da entidade, conseguindo que fosse aprovada a sua sugestão para que a Federação Chilena atendesse ao convite da C. B. D. Mas, afinal, os diretores da entidade andina, em sua maioria, reconheceram o estado precario das condições fisicas dos jogadores chilenos e decidiram, então, em última instancia, que o selecionado não deveria vir. Em consequencia, o Sr. Luiz Valenzuela renunciou. O conhecido desportista sul-americano fundamentou a sua decisão declarando que o "football chileno tem experimentado grandes golpes em materia de relações internacionais devido a uma deficiente regulamentação, que impede adequadas e harmoniosas medidas para manter o seu prestigio internacional."

Por tais fatos se pode avaliar da sinceridade com que agiram os chilenos. Não se pode fazer um paralelo entre estes e os argentinos, que usaram de má fé desde o Campeonato Sul-Americano do ano passado, aproveitando-se de subterfugios e pretextos inconcebiveis, para faltar com os seus compromissos. Os chilenos souberam esclarecer devidamente o caso e dar as mais amplas satisfações, confessando, diretamente, sem sofismas, os motivos que o impediam, a contragosto, de excursionar ao Brasil para enfrentar o selecionado brasileiro.

AUTOMOBILISMO

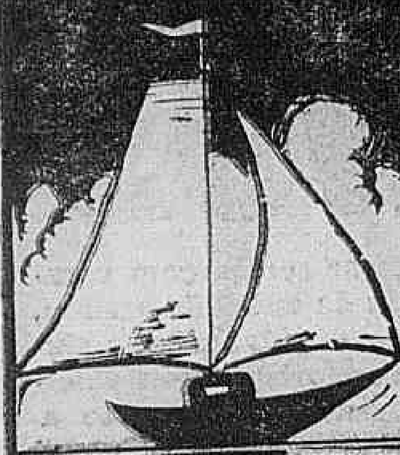
(Conclusão da pag. 3)

ticipantes das provas, treinando-os com métodos mais seguros de manejo das máquinas.

Os motociclistas são classificados segundo a potencia de seus motores, e a potencia se determina segundo o desenvolvimento de seus cilindros. De maneira que um modelo de um cilindro pode ter um desenvolvimento de 125 centímetros cúbicos, enquanto que um motor pesado de dois cilindros pode ter um desenvolvimento de mais 1.200 centimetros cúbicos. As modificações importantes que ocorrem na fabricação de motocicletas desde o fim da guerra resultaram no tremendo aumento da popularidade dos modelos leves.

Em 1946, último ano sobre que se tem dados, havia nos Estados Unidos cerca de 300.000 motocicletas de licença de particular. Os amadores crêem que com os novos modelos de peso leve, um número maior de jovens motociclistas se verão nas estradas com o propósito de passear e conhecer não somente seu proprio país como tambem os países vizinhos.

VIVA O VENDAVAL!



DE OTELO

MESMO QUEM NUNCA TINHA VISTO UM IATE DE PERTO VIBROU COM A FAÇANHA DO "VENDAVAL"...



O VENTO PAROU DE SOPRAR NA "HORA H"...



... E QUANDO O VENTO SOPROU FOI UM DELÍRIO NA CIDADE ...





E ASSIM POR UM DIA O "VENDAVAL" FOI O NOME DO CARTAZ ... OFUSCANDO, MESMO OS AZES DO FOOTBALL ...